A Magia Inesperada de Alicia



Neolivros

Título: A Magia Inesperada de Alicia

Autor: Ana Margarida Graça
ana.m.graca@clix.pt

Editor: João Carvalho

Edição nº: 2002/1-RNL

Há coisas na vida que só poucas pessoas têm a capacidade de aproveitar e de vislumbrar. São os pequenos pormenores que fazem a nossa vida parecer tão grande e tão complicada e cabe a cada um torná-la mais fácil.

O meu muito obrigado para as pessoas que sempre me ajudaram e apoiaram durante a minha vida.

Um beijo especial para todas as crianças do Mundo, porque um sorriso seu, melhora o que de bom há em todos nós !

Adoro-vos a todos !

Dedico este meu livro para o Gonçalo

CAPÍTULO I

ERAM EXACTAMENTE 7:00 horas da manhã e Alicia ouviu o incómodo barulho do despertador para acordar, depois de uma bela noite de sono .

Alicia era jovem, pois nesse exacto dia ela fazia 16 anos, não era perfeita, pois bem sabemos que ninguém o é, mas havia qualquer coisa nela que era mágico. Ela possuía o que de melhor existe no mundo – a pureza e a inocência.

Ela tinha uns extraordinários olhos verdes e um cabelo encaracolado que fazia inveja a muita gente, era esbelta e dava extrema importância a si própria e à elevada auto estima.

Toda esta descrição pertencia à mais linda das criaturas da face da Terra (citando os pais babados e o namorado que ninguém sabia que existia).

Era Domingo, estava um dia radioso de Sol e os pássaros chilreavam por todo o lado, tudo isto era normal visto que se estava na Primavera.

Alicia, tinha acordado super bem disposta e preparadíssima para um dia cheio de surpresas.

Mal sabia ela aquilo que lhe esperava.

O planeado era passar a manhã inteira em casa com a família, de seguida ir almoçar num restaurante acompanhada pelos pais, irmã e cunhado, ah! não esquecendo uma das pessoas mais importantes na vida dela- o seu sobrinho João Pedro.

À tarde, iria ao cinema, passar um pouco desse dia com os amigos mais próximos, inclusive com o namorado “que ninguém conhecia”.

~*~

Entretanto, esse dia passou e na manhã seguinte, Alicia tinha novamente que acordar cedo, para dar rumo à sua vida e deslocar-se para mais um dia

cansativo, mas divertido, na escola que supostamente um dia, num futuro próximo iria dar aulas.

Bem, mas Alicia não vivia no país das Maravilhas, e como toda a gente, ela também tinha problemas (não tão graves como os dos adultos).

Os problemas desta jovem eram: os testes, as amigas, os trabalhos, o namorado e principalmente o medo.

Os testes pois tinha que obter bons resultados, as amigas porque por vezes irritavam-se e havia chatices, os trabalhos tanto em casa como na escola eram em grande número, o namorado porque estava constantemente a queixar-se da relação e de como Alicia o tratava,

pois esta adorava por vezes estar com as amigas a com o Filipe e isso transtornava-o, fazendo-o dizer que ela era uma "baldas" na relação entre os ambos.

Na cabeça desta jovem, tal como em muitas jovens adolescentes existia um terrível medo, mas muito indefinido.

Um medo característico de ficar na solidão, sem amigas ou namorado por perto, o de cair em tentação alguma vez por caminhos de ida e sem volta, o de acabar os estudos e não saber no que irá dar ou o que irá ser, o medo abismal acima de tudo de não ser aceite pela sociedade e círculo de pessoas que a cerca, o medo da morte e de perder os entes queridos e/ou pessoas mais chegadas , tudo isto leva-a a uma certa depressão que só era pesada e calculada de tempos em tempos.

Bem, mas Alicia tinha um terrível segredo que só a sua melhor amiga, a Nena sabia.

Apesar de Alicia ter namorado, poucas (e atrevo-me a dizer quase nenhumas) pessoas sabiam que este era o primeiro.

Mas ao contrário de Nena que já tivera muitas experiências e de certo modo orgulha-se disso, apesar de ter levado muitas cabeçadas, Alicia também orgulhava-se de não cair em tentação e nem de andar com qualquer um.

O segredo que a importunava até há algum pouco tempo, era que nunca tinha beijado um rapaz e nem sabia como havia de começar. Mas, como todas as amigas, Nena ajudou-a a informar-se e a contar-lhe como se passaram as primeiras experiências com ela.

No entanto, como diz o povo, há que experimentar para saber. Foi o que fez Alicia e correu tudo até muito naturalmente.

Depois de um medo ultrapassado há que passar para outro.

Quem via Alicia ao longe nunca lhe passava pela cabeça que era uma rapariga muito tímida, pois esta tinha um aspecto muito extrovertido e simpática para com todos.

Filipe , até dizia que ela era muito sensual e que tinha a mania de seduzir os rapazes. Mas ela não fazia de propósito, apenas queria ser sociável, simpática e vencer a sua timidez.

Alicia tinha uma paixão que quando ela estava triste, magoada, ferida, zangada, alegre, sedutora e culpada a fazia esquecer todos os problemas e dores que passava.

Essa paixão dava-se pelo nome de música. Não existia nenhum género de música que Alicia não gostasse.

Desde o jazz até ao samba, do rock à ópera, passando pelo pop e acabando no rap, tudo o que tinha ritmo ela podia passar horas sem fim a ouvir e a cantar.

O seu refúgio era o seu quarto onde estava sentada a escrever poemas e a escutar música.

Alicia adorava dançar e como tal sempre que os pais lhe deixavam sair à noite, nem que por um bocadinho de prazer, Alicia aproveitava-o ao máximo.

CAPÍTULO II

Ao máximo também, queria ela aproveitar a sua festa de 16 anos, que se realizava num Sábado com todos os seus amigos mais próximos , mas em pouco número, num restaurante e em seguida uma ida ao bar da zona dando-se pelo o nome de "After-Hours " para dançarem e divertirem-se.

Ela adorava vestir-se bem e comprar sempre tudo o que andava na moda, mas sempre sem exageros.

Então nessa noite, Alicia foi extremamente produzida e espectacularmente bonita, para impressionar tudo e todos, especialmente o seu namorado Filipe.

Tudo correu lindamente, quase como que perfeito, até as suas amigas foram pedir uma música ao DJ do bar para lhe dedicar.

Ela tinha como limite até às 2:00 horas da madrugada para dançar, porque depois iria para casa.

Filipe acompanhava-a em tudo e toda a gente via, que ele a adorava-a, mais ainda, ele amava-a e demonstrava nitidamente todo o seu carinho por ela.

Ela olhou tristemente para o relógio, sabendo que as duas horas já quase que marcavam e tinha que se despedir daquele ambiente que tanto a dava prazer.

Tinha que sair sozinha, pois se o Filipe saísse com ela, alguém podia ver e isto transformava-se num grande sarilho.

Eram 2:00 horas em ponto, e ela entregou o respectivo cartão ao porteiro do bar e teve que andar por umas ruas um tanto ou quanto estreitas, frias e que mantinham um certo respeito e medo, pois não se via ninguém por ali e aquela cidade possuía alguma fama em relação a ataques quer sejam de roubos ou violações ou ainda maltratos.

Era mês de Maio e como tal estava uma noite de Verão, mas já era tarde e naquelas ruas macabras apenas se ouvia o estilhaçar dos sapatos de Alicia a tocar pela velha calçada da rua. De repente, Alicia ouviu um barulho, assustada

olhou rapidamente para trás e o seu coração deu um pulo e começou a bater cada vez mais depressa, Alicia não viu nada, porém fosse melhor até ter visto, mas isso não a acalmava e começou a acelerar o passo, quando vê que está quase a chegar ao fim de umas das ruas intermináveis, Alicia sente que alguém a observa e que repara para todos os movimentos que ela fazia.

Eram 2:15, e Alicia agarrou em toda a coragem que tinha e olhou uma vez mais para trás e viu uma sombra de aparentemente um homem com um ar cansado, exausto e bêbedo.

A jovem começou a correr com toda a força que tinha, corria ..., corria tanto que deixou, sem querer, que o tacão do sapato ficasse preso por entre as tiras de uma pedra da calçada, quando sente uma mão a tocar-lhe no seu ombro esquerdo... , agitada e nervosa, começa a gritar por ajuda, então o homem volta-a para ver o seu rosto e nisto ela cala-se.

Vê que tratava-se do seu melhor amigo, o Manuel, que tinha relativamente a mesma idade que ela. Não percebia o que estava a acontecer, mas de certo modo, ao vê-lo acalmou-se.

Nisto, mais tranquila ela diz:

- Que susto que me pregaste Manuel, pensei que fosse algum tarado que me perseguia- e começou a sorrir.
- Não Alicia, sou apenas eu, o teu amor Manuel.
- Amor??? – perguntou Alicia intrigada.
- Sim, tu sabes bem que sempre foste a minha paixão desde o tempo que nos conhecemos.
- Manuel, estás a sentir-te bem?
- ‘Tou óptimo, meu, ‘tou bué de fixe!

Manuel não tinha por hábito usar calões e muito menos chamar a Alicia de amor ou qualquer outra coisa. Por isso, Alicia estava preocupada se o seu melhor amigo estava bem.

- Manuel, eu já estou um pouco atrasada, mas se quiseres posso dar-te boleia e levar-te a casa.
- Alicia, já te tinha dito que estás maravilhosa esta noite?
- Não Manuel, mas ... tu tens um cheiro esquisito, estiveste a beber?
- Sim, mas só um pouco!

Alicia sabia que ele não era de beber, mas ultimamente, Manuel tinha-se afastado há já algum tempo do círculo de amigos que costumava frequentar e

juntara-se a um gang esquisito e peculiar que tinha como fama consumir drogas, encher-se de bebidas até não poder mais, chegaram-se a ouvir rumores na escola de que um rapaz desse grupo tinha morrido por ter entrado em coma alcoólico.

A preocupação e o tempo de Alicia ia aumentando e atarantada não havia ninguém que a ajudasse a resolver este problema.

Manuel, para além de estar embriagado, também dava a sensação de que tinha estado a fumar qualquer coisa que era bem diferente do tabaco, pois o odor tresandava.

Alicia não queria acreditar que aquilo estava a acontecer.

Manuel, insistia em atirar-se à amiga e fortes tentativas de a beijar e agarrar repetiam-se sucessivamente.

Até que isto tudo chegou a um ponto extremo, Manuel quis tentar tirar-lhe a roupa e Alicia tentava a todo o custo ter um diálogo amigável e persuadir-lhe a não cometer tal loucura.

- Manuel, o que fazes? – Alicia levantava o tom de voz, já desesperada.
- Eu quero-te ter agora!!
- Tu não estás bem... larga-me... solta-me !!!
- Cala-te e beija-me!!!
- Mas eu não quero... eu não gosto de ti, eu gosto é do Filipe... socorro... ajudem-me !!! Alguém me consegue ouvir?

Pouco a pouco, Manuel foi retirando a roupa a Alicia e esta submetia-se a uma baixaria e vergonha, de uma violação que só tinha visto nos filmes que observara na televisão.

Manuel coagia Alicia a deitar-se no chão, e a colocar as mãos para cima para que tudo corresse da maneira porca e imunda como ele imaginara.

Aos gritos arrepiantes, que cortavam e rasgavam o coração a muita gente, ninguém acudiu.

Eram 2:35h da madrugada, os pais de Alicia deslocaram-se até ao bar para procurarem-na. Viram Nena e perguntaram se ela tinha visto Alicia sair há muito tempo, esta respondeu que a tinha visto ir embora ás 2:00 h e imediatamente perguntou o que se passava e ficou preocupada com o bem estar da amiga.

Filipe, alarmado, prontificou-se a ajudar a procurarem-na por entre as ruas estreitas que era normalíssimo ela frequentar no caminho para casa.

~*~

Entretanto, Manuel acabou de cometer uma violação e devastado por se ter apercebido do que tinha feito foi para casa, deixando lá Alicia... naquele beco gelado, desamparado e condenado para sempre como um local de estupro.

Alicia chorava, sangrava por todo o lado devido à força e ferimentos que Manuel usou para lhe obrigar a fazer o que pretendia e acerca do seu corpo, sentia-se a pessoa mais suja, infeliz, nojenta e impura do mundo inteiro. Não queria ver ninguém, pois achava que não estava em condições de sequer olhar para a cara de alguém e só uma nítida ideia lhe passava constantemente pela cabeça, a triste ideia de se suicidar, pois naquela altura não tinha vontade nenhuma de continuar a vida e de lutar contra aquilo tudo que estava a sentir.

Eram quase 3:00 h e os pais, o namorado e a sua melhor amiga procuravam desesperadamente Alicia... até que ouviram um choro que se ouvia baixinho, mas era sonoro, no sentido de que quem ouvia apercebia-se que algo tinha ocorrido mal. Na esperança de que fosse Alicia começaram a correr para o local, não deixando que os ouvidos os enganassem, até que lá chegaram.

A cena não podia ser pior do que alguém jamais imaginara, era simplesmente horrível, ali estava Alicia deitada no chão como se se tratasse de um animal abandonado de quem as pessoas tinham pena, a mãe imediatamente começou a chorar e a gritar quem era o culpado, mas o marido tratou de a acalmar.

Filipe, olhou para Alicia e com as lágrimas nos olhos perguntou o que tinha acontecido, quem fora o culpado e de que maneira poderia ele ajudar.

Nena pensou racionalmente e disse para ajudarem-na a levantar-se e levarem-na para casa ao invés de lhe estarem a fazer perguntas. Todos concordaram e procederam de imediato.

Alicia tentava esconder a sua cara ao máximo com o resto de roupa que tinha. A vergonha fazia dela uma pessoa completamente diferente daquilo que ela estava habituada a ser.

Durante o caminho ninguém ousou dizer sequer uma única palavra. O silêncio bastava.

Chegaram todos a casa e a agitação era de tal ordem que Filipe e Nena foram rumo às suas casas sem sequer despedirem-se dos pais e de Alicia.

A noite tornou-se aliada da dor e do sofrimento para todos aqueles que assistiram àquela cena terrível, incluindo para Manuel que não pregou olho a noite inteira.

Era de manhã, mas não fazia diferença nenhuma pois o pesadelo continuava e não se sabia ao certo que atitude havia de se ter numa situação assim.

Os pais de Alicia nem se atreveram a entrar no seu quarto o dia inteiro. Comentaram de imediato a situação com Isabel (a irmã de Alicia) e Miguel (o marido de Isabel) para ficarem ocorrentes do sucedido.

Era Domingo e como normalmente num dia de calor iriam dar um passeio pela praia e passar o resto do dia em casa na piscina. Mas neste Domingo tudo iria ser diferente!

Filipe logo pela manhã lembrou-se de telefonar a Nena e tentaram encontrar uma solução juntos, mas a única coisa que lhes passou pela cabeça foi de visitarem Alicia e tentarem saber quem foi o responsável. No entanto, tudo isto era impossível, pois ninguém tinha coragem de sequer telefonar para os pais dela a saber notícias, quanto mais procurarem-na e interrogarem-na sobre o ocorrido.

CAPÍTULO III

Mas para espanto de todos, foi Alicia quem tomou a iniciativa.

Nessa manhã, Alicia saiu do quarto e dirigiu-se aos pais, disposta a contar todos os pormenores, mas à sua maneira.

Como todos sabiam, Manuel era o seu melhor amigo e era a última pessoa a ser suspeita.

Os pais disseram logo:

- Não queremos pressionar-te, podes vir falar connosco quando quiseres - disse o pai.
- Não pai, prefiro enfrentar isto o mais depressa possível.

Então começou a contar tudo mas um pouco diferente daquilo que realmente aconteceu.

- Pai e mãe...(virou-se e olhou ambos directamente nos olhos), eu saí do bar e fui ter convosco pelo mesmo caminho de sempre, mas de repente ouvi barulhos e olhei para trás para ver quem era, mas foi tarde demais, a pessoa tinha a cara tapada com um género de um lenço cobrindo a face por completo... começou por me atacar, despir... e eu... comecei a gritar... por socorro e foi horrível... – Alicia começou a chorar.
- E queres fazer queixa, mesmo sem sabermos quem foi?
- Acho que não vale a pena pai, pois existem dezenas de casos destes por resolver, especialmente nesta cidade, onde o crime compensa quase sempre.

Apesar de Alicia ter chorado, naquele exacto momento o seu coração parecia duro sem emoções, era como se a sua alma também tivesse sido violada.

Os pais de Alicia acharam estranho ela não querer se vingar e descobrir o culpado, mas também por quererem poupar a filha decidiram deixar o assunto

por ali mesmo e pô-la numa daquelas casas de apoio à vítima de casos semelhantes.

~*~

Alicia nem sabia ao certo o que estava a fazer e se estava correcto ou não, mas devido ao estado de Manuel (sobre drogas e embriagado),ele também devia estar a arrepender-se imenso e a sua consciência a não o deixar descansar, mas isso não o ilibava do acto que cometeu.

Entretanto, Filipe e Nena não resistiram e foram a casa de Alicia para ajudarem-na.

Os pais contaram o que se tinha passado e disseram que podiam ir ter com ela para falarem.

Alicia manteve a sua história e prometeu a si própria que nunca iria revelar a ninguém o que se passou realmente naquela noite.

CAPÍTULO IV

O dia passou-se normalmente e estava à porta mais uma semana de escola e de enfrentar Manuel.

Todas as tardes depois da escola Alicia ia durante uma hora e meia desabafar com outras raparigas que tinham passado o mesmo numa das muitas casas de apoio a vítimas de estupro.

Mas o mais difícil, surpreendente e até compreensível foi o facto de Alicia ter acabado tudo com Filipe e afastar-se de Nena.

Os seus amigos ficaram devastados e não compreenderam porquê que de imediato ela teve esta atitude já que tinha encarado tudo de uma forma tão suave.

Entretanto, Manuel tomou coragem e decidiu vir falar directamente com Alicia.

Quem os via de longe a falar, apenas observava que Alicia acenava continuamente com a cabeça que sim. Manuel esbracejava e parecia profundamente arrependido.

- Eu sinceramente nem sei o que dizer...- argumentava Manuel.
- Não digas nada pois apesar de tudo eu compreendi perfeitamente como estavas.- dizia Alicia.
- Alicia, eu fiz aquilo porque era como se um desejo antigo de te ter, tu nunca te apercebeste que eu gostava de ti?
- Não, eu sempre te vi como um amigo, o meu melhor amigo, mas depois do que surgiu não sei se a nossa amizade poderá continuar.
- Eu sei, tu és realmente excepcional, pois se fosses outra rapariga nem sequer estavas a ter esta conversa comigo. Mas o que iremos fazer daqui

em diante? Eu sei que cortaste todas as ligações que tinhas com o Filipe e com a Nena, agora estás sem ninguém?

- Sim. Eu preciso de algum tempo para pensar. Depois passados alguns dias, logo te digo como me decidi em relação a tudo.
- Está bem! E... perdoa-me!!!

Se alguém soubesse desta história pensaria que Alicia ou era maluca ou então que gostava de ter sofrido o que sofreu.

Mas não. Alicia acima de tudo era excepcional, pois tinha bom senso. Visto que Manuel era o seu melhor amigo ela até compreendeu e não fez queixa.

Mas nem tudo o que se via exteriormente era o que se passava interiormente.

Essa pessoa que vivia dentro de Alicia, que sentia todas as emoções, desgostos e surpresas havia mudado.

Até dava a sensação de que as drogas que Manuel estava sobre efeito a afectaram de um modo qualquer.

~*~

Subitamente, Alicia tinha a enorme vontade de experimentar tudo aquilo que até ao dia de hoje nem sequer lhe tinha passado pela cabeça.

O seu comportamento mudou estranhamente. Mal chegava a casa, acendia a aparelhagem e a televisão e não comia. Aos pais, esses nem lhes falava.

O seu círculo de amigos mudara completamente, pois começou a dar-se com os amigos de Manuel e a querer experimentar as drogas que ele fumava.

Obviamente as suas notas desceram a pique.

Visto isto, Filipe e Nena não puderam ficar de braços cruzados e era sua obrigação ajudarem-na a retomar o seu caminho de uma menina "bem comportada".

Todos os Sábados Alicia saía com os novos amigos ao bar em que tudo aconteceu naquela noite.

Dançava sensualmente e atirava-se a todos os rapazes que via.

Filipe saiu num desses Sábados, era já o mês de Junho e como sempre, para variar, estava calor.

Filipe ainda gostava apaixonadamente de Alicia como nunca gostara de ninguém e só de ver os rapazes a olharem-na como um pedaço de carne pronto a ser comido, revoltava-lhe a cabeça.

Manuel bebia e pagava bebidas sem conta a Alicia com intenção de a embebedar e repetir a mesma cena que vendo bem até parece que fez propositadamente.

Filipe não acreditava no que os seus olhos viam, Alicia havia sofrido uma mudança instantânea e estava decidido a falar com ela nessa mesma noite.

CAPÍTULO V

- Alicia preciso de falar contigo!
- Agora não, estou ocupada a dançar com os meus amigos.
- Alicia, ouve-me! O que se passa contigo?
- Nada, não quero falar contigo!- Alicia gritava e já todos olhavam para a discussão dos dois.

Até que Manuel interveio:

- Ouve lá pá! Alguém te chamou para aqui? Se a garina não quer falar contigo, então butes daqui, tás a ver?
- Não, não estou a ver e cala-te antes que queiras apanhar!

Num abrir e fechar de olhos começara a pancadaria entre Filipe e Manuel no bar e a confusão surge.

Alicia começa finalmente a entender o que o seu comportamento novo veio a modificar e a gerar nas pessoas. E sai correndo do bar chorando pelo sucedido e pelas decisões que tomou na sua vida ultimamente.

Filipe deixa Manuel estendido no chão e também sai correndo atrás da sua amada tentando falar com ela e chamar-lhe à razão.

Chega á rua e vê Alicia.

- Então, como te sentes?
- Horrivelmente mal!!! Eu não te queria magoar... e muito menos afastar-me de ti. Desculpa-me... por favor... as minhas atitudes nestes últimos dias, mas nem eu sei o que tenho, o que me deu para ter estas atitudes...
- Eu compreendo-te por isso é que eu te quero ajudar.
- Filipe eu não fui totalmente sincera contigo com a história da violação- conta Alicia a chorar e a consolar-se no ombro do seu ex-namorado.
- Então porquê?
- Porque eu vi quem me violou, foi o Manuel... e eu... não contei a ninguém... porque... sei lá..., perdoa-me, por favor...

- Deixa estar, eu estou aqui para te ajudar a ultrapassar tudo isso!

No dia seguinte, Alicia com a ajuda de Filipe contou aos pais e a Nena toda a verdade.

Eles não queriam acreditar e por mais que pensassem não sabiam que atitude tomar, visto que Manuel era também um jovem que se drogava e que cometera um estupro.

Aconselharam-se com a psicóloga que dirigia a casa de apoio às vítimas de violação. Esta disse que as atitudes recentes de Alicia até eram normais pois trata-se do comportamento de pós-violação, pois existem raparigas que ficam traumatizadas para o resto das suas vidas, as que se tentam suicidar e as que tal como Alicia optam por até se juntarem ao violador, todas questões do comportamento humano inexplicáveis.

Em relação a Manuel disse que por mais difícil que fosse a escolha tinham por obrigação entregá-lo à polícia, pois não só para pagar pelo que fez como para não se repetir a mesma situação com outra jovem inocente.

Então, entregaram-no e como era menor, o que puderam fazer foi pô-lo num sítio de recuperação para ajudá-lo a esquecer a droga e aconselharem-no para numa vida futura não cometer os mesmos erros do passado.

Quanto a Alicia apesar do que enfrentou, conseguiu levantar as notas para a média do final do ano e com muito esforço fazer as provas globais.

Com as férias grandes quase à porta, Alicia só se lembrava dos bons momentos que iria passar com Filipe na praia, no cinema, nos jardins e nas festas e tentar pôr de parte tudo o que sofreu, pois nunca irá esquecer enquanto for viva.

~*~

Mas como normalmente os pais fazem, tomaram por Alicia as suas decisões e planearam entre si como e onde a sua filha iria passar o Verão para acima de tudo se divertir.

Alicia passou de ano e a escola acabou no dia 9 de Junho e já só se via ao longe uma miragem das praias.

Mas os seus planos estavam estragados, pois nesse exacto dia os seus pais comunicaram-lhe que iria fazer um curso de Verão para Nova Iorque durante um mês e meio a começar no dia 1 de Julho.

Alicia começou a chorar, já apenas lhe restava menos de um mês para estar com o seu namorado e com os seus amigos. Não queria dizer que ela não gostasse da América, muito pelo contrário, um dos seus grandes sonhos era passar algum tempo em Nova Iorque e falar a sua língua predilecta, mas a desperdiçar estar com o seu namorado era outra coisa.

Foi a pensar nisso, que Alicia imediatamente se recompôs da notícia e até se conformou uma vez que já não havia mais nada a fazer.

Então como iria partir de Portugal durante algum tempo e não iria ver os seus amigos, família e namorado decidiu partir à descoberta de novas aventuras durante as poucas semanas que lhe restava.

Aproveitou ao máximo até que chegou o derradeiro dia do embarque.

As despedidas foram fatais e saudosas como de costume.

No aeroporto estava a família, Nena e Filipe (apenas como um bom amigo, pois os pais de Alicia ainda nada sabiam o que se passava entre eles) que fazia promessas de a recordar eternamente.

CAPÍTULO VI

Era apenas durante um mês e meio mas para quem partia e para quem ficava parecia toda uma eternidade.

Nos lindos olhos de Alicia avistava-se uma mancha de saudades principalmente de Filipe que lhe ajudou e ajudar-lhe-á para todo o sempre.

Quando finalmente depois de 13 horas de voo chegou a Nova Iorque, para si como uma segunda terra natal, Alicia deu gargalhadas de alegria, porque era um sonho concretizado e uma recompensa do mal que lhe fizeram.

Deu-se conta do enorme mundo em que habitava e de perto, a cidade pareceu-se milhares de vezes maior, realista, sociável do que aquilo que tinha imaginado.

À entrada do aeroporto lá estava a família com que ela iria viver nas próximas semanas.

À primeira vista pareciam todos muito simpáticos, era um casal com um filho da mesma idade de Alicia e esta tratou logo de praticar o seu idioma preferido com eles.

A sua casa nova era mesmo no centro da cidade, bastava sair à rua que imediatamente estavam os centros comerciais, cinemas, feiras, enfim tudo o que desejava experimentar com... bem, não tinha feito ainda amigos nenhuns mas Dean (o filho do casal, com 17 anos), prontificou-se a servir de guia e a apresentar-lhe os seus amigos durante o mês e meio que iria ficar.

A casa tinha um aspecto acolhedor, parecia de certa maneira relembrar-se com a dela. Era rústica e ao mesmo tempo moderna, estava recheada de quadros e plantas.

O quarto onde iria ficar era decorado de preto e branco e estava repleto de algumas fotografias, velas, incenso, um biombo, enfim... , Alicia adorou o ambiente.

~*~

A primeira semana foi espectacular pois conheceu os cantos todos de Nova Iorque e divertiu-se à brava.

De dois em dois dias telefonava aos pais para perguntar se tudo ainda se encontrava igual como quando deixou. Estes respondiam que sim e que estava ansiosos e cheios de saudades de Alicia.

Quanto a Filipe e Nena, Alicia escrevia cartas no princípio e no meio de cada semana a contar as suas aventuras.

E estes respondiam-lhe à altura.

Numa das inúmeras cartas Nena mostrava e contava o que tinha planeado fazer quando Alicia chegasse a Portugal.

A carta dizia o seguinte:

“ Alicia, espero que te estejas a divertir muito, pois se há pessoas no mundo que merecem, uma delas és tu!

Cá em Portugal está tudo na mesma excepto a alegria que partiu contigo para a América.

Para te dizer o quanto te adoro, ficaria aqui a escrever a vida inteira, por isso tenho de ir embora!

Quando cá chegares vamos fazer uma festa de arromba para comemorar a tua chegada, ah!, o Filipe anda louco com saudades tuas, por isso vê lá se chegas depressa pois já ninguém o aguenta!!!

Bem, por agora é tudo. Diverte-te, sê feliz e não me esqueças!

Beijinhos e abraços da Nena.”

Alicia traduzia cada carta que recebia a Dean, e este via que os amigos que ela tinha, adoravam-na.

Mas para variar, Alicia também passou por alguns azares em Nova Iorque.

Numa das manhãs normais de Quarta-feira em que Alicia tinha planeado ir com Dean a um enorme centro comercial, o dobro do Colombo (em Lisboa), um imprevisto foi-lhe imposto repentinamente.

Eram 11h00 e estava imensa gente, adolescentes principalmente a gastarem o dinheiro dos pais em roupa, CDs, acessórios de desporto e outras coisas mais.

Alicia e Dean seguiam o exemplo. Foram a uma loja conceituada de roupas de marca e escolheram algumas peças, Alicia estava já a comprar para levar como lembranças para Portugal.

Mas algo sucedeu.

CAPÍTULO VII

Alicia transportava a sua mala favorita, onde tinha alguns acessórios normais de raparigas, entre os quais documentos, fotografias e dinheiro. Tinha à volta de 65 dólares (mais ou menos 10.000$00).

O resto do dinheiro que os pais lhe tinham dado, estava na casa onde estava hospedada, pois transportar tanto dinheiro numa cidade como Nova Iorque, corre-se o risco de se ser assaltado.

Quando entrou numa livraria, despertou-lhe a atenção para comprar um livro de poesia, pois Alicia era apaixonada por este tipo de leitura, uma vez que Filipe lhe dedicava imensos poemas.

Mas ao tirar a carteira para pagar o livro, não a conseguiu encontrar. Procurou melhor e quando reparou que lhe tinham rasgado a mala para lhe roubarem a carteira, entrou em pânico.

Dean apercebendo-se do ocorrido, imediatamente a consolou, argumentando que podia ter sido mais dinheiro ou até podiam lhe ter apontado uma navalha ou algo do género.

Aparentemente, Alicia melhorou mas mal chegou a casa desatou a chorar pensando em todos os azares em que a sua vida se tem resumido, e quando irão parar.

Nesse mesmo dia, Alicia recebeu uma carta de Filipe, era como se o destino fizesse com que ele a acalmasse e as suas doces palavras respondessem aos problemas que ela estava passando.

As cartas de Filipe eram profundas como os oceanos e tudo o que escrevia era sincero. Nesta carta ele dizia:

“ Alicia, nem consegues imaginar as saudades que eu sinto por ti, é como se multiplicasses as estrelas do céu pelas gotas do oceano. Adoro-te para não dizer que te amo!!!

Cada segundo que passa, conto os restantes até à tua chegada, mas a dor é mais profunda, nem se passasse o resto da minha vida a escrever, poderia explicar os meus sentimentos.

O amor consome o tempo tal como o fogo consome o ar!!!

Estou desejando de te ter nos meus braços.

Volta depressa que estarei sempre à tua espera!

Beijos e com saudades deste teu amigo e namorado:

Filipe"

Alicia ficou maravilhada e contente com esta carta. Subitamente, assomou-se à janela, apesar de não ter o espectacular tempo de Portugal, Nova Iorque possuía uma noite lindíssima.

Alicia olhava para a lua, era como se a sua beleza se espelhasse no brilho luminoso da lua.

E ali permaneceu. Tentava através de pensamentos, contactar com Filipe e responder-lhe que sim, que tinha adorado a sua carta...

Foi direitinha para a sua cama, e deixou-se adormecer pensando que brevemente iria para a sua terra natal, visto que já estava na última semana de Julho.

Os dias foram passando e Alicia deixou sem saber porquê de receber cartas, tanto por parte de Filipe, como de Nena.

Os pais, esses continuavam a telefonar-lhe, e preocupada, Alicia questionou o porquê dos amigos deixaram de comunicar com ela. Os pais não sabiam o que se passava e disseram que decerto não havia razões para ela se preocupar.

Em Nova Iorque, Dean começava a despertar um certo interesse por Alicia e como não era tímido, resolveu dizer-lhe quais os sentimentos que tinha por ela.

Alicia, muito suavemente e calma, de uma forma subtil como sempre explicou-lhe que tinha namorado e que apenas pensava em Dean como um simples amigo.

- Dean, eu vou agradecer-te para o resto da minha vida, mas..., algo mais... não.
- Eu compreendo, escusas de falar mais...

- Então ficamos amigos? Sem ressentimentos?- perguntou Alicia.
- Sim. Poderás contar comigo sempre que precisares- acrescentou Dean.

O inglês de Alicia já tinha desenferrujado e então pode manter este diálogo, muito cuidadosamente sem ferir ou magoar os sentimentos de Dean.

Era dia 14 de Agosto e como normal na véspera da partida, Alicia tratava de fazer as malas.

Dean propôs-lhe ir dar a mesma volta à cidade que deu no primeiro dia que chegou, mas Alicia agradeceu e preferiu passar esse dia sozinha.

Tomou o último almoço em casa de Dean e saiu sem comentar qual o destino, onde iria passar o resto do dia.

Andou como que perdida pelas inúmeras ruas de Nova Iorque, mas essa ideia agradava-lhe, pois dava-lhe a sensação de ser a dona do mundo e de sentir-se invencível.

Era tarde e o pôr do sol aproximava-se.

Alicia escolhera a Estátua da Liberdade como local, para observar...

Subiu até lá bem no alto e foi esplêndido, simplesmente sem palavras.

Os seus cabelos esvoaçavam ao brilho do sol posto e a sua beleza ia aumentado tal como a noite ia surgindo.

Resolveu ir para casa, dormir uma noite descansada para se levantar bem cedo para ir para o aeroporto ás 7h15, porque o voo era às 8h00.

Partiu de casa à hora marcada com Dean e seus pais que lhe iam levar ao aeroporto.

Com as formalidades habituais, despediram-se com pena e saudades, recordando as boas lembranças que aconteceram durante o mês e meio.

Alicia ainda fez um telefonema para os pais, dizendo que ia partir e que a hora da chegada devia ser por volta das 21h00.

Ficaram tranquilos e a mãe tratou de preparar a sua comida e sobremesa preferidas para o jantar.

CAPÍTULO VIII

Era dia 15 de Agosto e como normal, o tempo estava radioso, parecia ser ainda 19h00, quando Alicia chegou ao aeroporto de Faro.

Estranhamente à sua espera apenas se encontrava a família, pais, irmã, cunhado e sobrinho.

Nena tinha prometido que iria ser a primeira a buscá-la à entrada do avião, por mais ridículo que isso parecesse, mas coisas de jovens adolescentes não se contestam.

E por mais que os olhos de Alicia a procurassem, ela não se encontrava lá!

Mesmo assim, Alicia estava contente de voltar a rever os seus entes queridos.

Ao chegar a casa, parou à entrada, olhou bem para o jardim, para a rua e só depois entrou , reparando em cada objecto, se ainda se encontravam no mesmo lugar onde tinha deixado pela última vez.

As coisas materiais pelo que constatava permaneciam iguais, agora as sentimentais só poderia saber no dia seguinte, isto só depois de jantar e saborear bem a comida que a mãe tinha preparado carinhosamente, seguido de uma boa noite de sono, na sua cama em que já não se deitava à cerca de seis semanas.

No dia seguinte, Alicia estava ansiosa por falar todas as novidades e coscuvilhices com Nena e abraçar e beijar Filipe.

Tomou o pequeno almoço o mais depressa que pôde e mal os pais lhe bombardearam com perguntas sobre a estadia em Nova Iorque, disse que logo contava todos os pormenores à tarde, porque naquele momento tinha que saber urgentemente o que mudou durante um mês e meio.

Muito sorridente, foi a correr para sentir o vento fresco que lhe batia suavemente na cara, para casa de Nena.

Era cedo, mas as horas não contavam para quem tinha imensas saudades de tudo e de todos aqueles que adorava.

Tocou à campainha duas ou três vezes, como que uma pessoa desesperada.

Veio abrir a porta a mãe de Nena e sem grandes abraços, nem admirações, (até procedeu como se Alicia nunca tivesse viajado e tivesse estado sempre em Portugal), perguntou o que esta pretendia.

Alicia disse que queria ver Nena. A senhora muita antipática, o que se era de estranhar, pois até costumava ser muito simpática para todos, especialmente tratando-se da melhor amiga de sua filha, tratou de berrar para Nena descer as escadas e vir recebê-la.

Alicia entrou em sua casa e mal deu por isso, quando Nena estava já ao seu lado, muito contente de a rever abraçando-a e perguntando como estava, se as férias lhe fizeram bem.

Alicia ao princípio estranhou de tantos abraços e carinhos, pois visto serem as melhores amigas, também sabiam os segredos e truques uma da outra, quando não gostavam de alguém ou quando estavam a esconder alguma coisa.

Mas como há já muito tempo que não se viam, não ligou e começaram a falar.

- Então diz-me, conheceste lá alguém? - perguntou curiosa Nena.
- Sim. Mas tu sabes perfeitamente que eu sou louca pelo Filipe!!! E já agora como é que ele está?
- Está óptimo desde a última vez que o vi.
- Têm saído muito?
- Mais ou menos. Mas quando saímos é sempre em grupo! - disse Nena já muito embaraçada e tentando defender-se de qualquer coisa.
- Ok! Eu nunca desconfiaria de vocês! – rematou Alicia.

De repente Nena corou e disfarçadamente mudou de assunto, sem Alicia ficar a perceber o que realmente se passava.

- Nena, porquê que ultimamente me deixaste de escrever?
- Ah!... porque tenho ido para a praia com a minha família e fiquei lá o tempo todo sem poder comunicar contigo.

Nena tinha casa de praia na ilha e sempre que fizesse bom tempo ela ia para lá divertir-se e bronzear-se.

Era dia 16 de Agosto, e devido às provas atrasadas ainda de alguns colegas de turma, às idas frequentes à praia, às férias antecipadas com a família em

países estrangeiros e até devido a alguns rapazes ou raparigas que tal como Alicia, fizeram um curso de Verão, o jantar anual de turma foi proposto para dia 20 de Agosto a uma Sexta-feira.

Alicia combinou logo com Nena, irem juntas nesse dia para o restaurante indicado e seguidamente para o bar habitual, o "After-Hours".

Era quase meio-dia, mas as saudades de Filipe eram tantas que ainda havia tempo de lhe fazer uma surpresa antes de voltar para casa.

Como não se era de estranhar, a esta hora Filipe costumava andar de bicicleta ou então dar uma volta com os amigos pela cidade. Mas já tendo conhecimento disto, Alicia insistiu em ir a sua casa procurá-lo.

Não o encontrou em casa como é óbvio, no entanto viu-o no jardim, ali nos arredores.

Correu ao seu encontro e tal não foi o seu espanto que sentiu uma frieza incalculável nos seus olhos, a metros de distância, como se a sua presença não fizesse qualquer diferença.

Mesmo assim Alicia aproximou-se, ficou diante dele e dos amigos, o seu corpo pedia-lhe por fortes abraços e beijos, mas certas vezes Alicia também pensava com o orgulho, mesmo tratando-se de assuntos de amor e esse sim, dizia-lhe fortemente para não ceder e apenas soltar um simples "olá!", da sua garganta seca de tanta rispidez por parte de Filipe.

Assim fez. Quem tomou a dianteira foi Filipe, que abraçou-a e gritando exclamou:

- Nunca pensei que te fosse ver tão depressa!!!

Alicia achou uma certa ironia naquela frase, mas ignorou.

Tudo em que pensava era questionar-lhe o porquê de mais nenhuma carta, pois tal como Nena também deixou de escrever-lhe assim de repente.

- Porquê que não me deliciaste mais uma vez com as tuas doces palavras, escritas num pedaço de papel? – disse poeticamente Alicia.
- Porque precisava de te ver para te dizer pessoalmente tudo o que sinto por ti, meu amor!

CAPÍTULO IX

Estas doces palavras acabaram com todas as desconfianças que se tinham levantado a seu respeito.

O coração de Alicia bateu mais uma vez, suspirando e respirando amor por cada poro em si existente.

Por momentos tudo foi esquecido, apenas lembrado os quentes, apaixonantes e intensos momentos que se viviam.

Depois disso, já que por acaso o jantar de turma de Filipe calhava no mesmo dia que o dela, combinaram ver-se no bar.

Finalmente, o tão esperado dia chegou!

Era dia 20 de Agosto e aquela noite prometia.

Ainda um pouco balançada com o que aconteceu há três meses, Alicia temia por uma noite como esta, onde estava sujeita a magoar-se tanto psicologicamente como fisicamente.

Mas não se deitando a baixo, como já era de habituar, Alicia foi linda como sempre.

O jantar correu normalmente, cada prato que comiam era uma surpresa pois jantaram num restaurante chinês.

Eram 11h00, ansiosa, Alicia e os outros foram para o bar.

Nena tinha-se esforçado claramente a arranjar, pois estava muito bonita, mesmo sem ninguém saber quem iria ser a sua próxima "vítima".

Isto porque, Nena apesar de ser muito extrovertida mas sentimental como poucas, gostava de abusar da vida e quando era para curtir, desbundava e mais nada, sem querer saber das consequências.

No entanto, havia um rapaz que mexia com Nena, o nome dele era Bruno Sintra, um rapaz que era do mesmo género que o dela, mas peculiarmente simples. Este gostava seriamente dela e vice-versa, mas Nena brincou quando não devia com os seus sentimentos, e isso fez com que ele se afastasse. Quando

finalmente ele se apercebeu o que tinha feito, já era tarde demais. Tão tarde que os pais de ambos descobriram e puseram fim a tudo sem eles se darem conta.

Nessa noite, Alicia tinha ficado de tomar conta de Nena, pois esta já apanhara algumas bebedeiras quando saía em aniversários ou festas do género.

Bebeu pouco, mas o suficiente para ficar "contente".

À entrada do bar lá estava novamente o porteiro e olhou com um sentimento de pena para Alicia, decerto que já tinha conhecimento do que se passara à três meses atrás.

Alicia não gostou e entrou irritada, pois se havia coisas de que não gostava, terem pena de si era uma delas.

Já lá dentro estava Filipe com o pessoal da sua turma a dançar.

Alicia beijou-o e convidou-o para ir dançar para a pista, que ainda estava vazia, porque era como que um ritual, era sempre ela e as amigas que a estreavam.

Este disse que sim e lá foram as duas turmas de praticamente quase 40 pessoas dançar e divertir-se.

A hora de Alicia estar em casa era às 2h00 (nada mudara para os pais, é claro!), mas primeiro tinha de dar a certeza aos pais para a virem buscar, e isso era feito através de um telefonema.

Mal Alicia foi à rua telefonar, Nena aproveitou-se da situação e foi meter-se com Filipe, desafiando-o para a beijar.

Visto que Filipe já tinha bebido um pouco e Nena também, ele aceitou o desafio e beijaram-se lá num dos cantos do bar.

Alicia chegara da rua, e ao deparar-se com aquela cena, as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto, não acreditando naquilo que via, na traição evidente tanto da sua melhor amiga como do seu namorado.

Para completar esta desgraça, começou a tocar a música de Alicia e Filipe, uma música que marcava os bons momentos que passavam.

Alicia, enxugou as lágrimas, pois orgulhava-se de até aquele dia nunca ter chorado por rapaz algum, e detestava dar parte de fraca, saiu quieta e calma do bar como se nada tivesse visto, mas naquele exacto momento prometeu a si mesma que nunca mais iria ter nada com rapazes enquanto fosse adolescente, pois os jovens sofrem mais do que os adultos que pensam com a cabeça, uma vez que os adolescentes pensam com as hormonas (isto já é do conhecimento geral).

Os pais chegaram e Alicia foi para casa, surpreendentemente calma e até feliz de se ter apercebido a tempo das pessoas que a rodeavam.

Mas o que Alicia viu tinha uma explicação plausível.

Apesar de Filipe ter feito o que fez, ele também estava bêbedo e gostava de Alicia a todo o custo, ele inclusive disse-lhe que a amava, e apenas curtiu com Nena porque ela estava constantemente a provocá-lo, mesmo assim se tivesse juízo, Filipe pensava duas vezes e não tomaria aquela atitude.

Tudo isto era ponderado a cada segundo que passava por Alicia.

~*~

Os dias foram passando e Filipe e Nena como não se lembravam o que aconteceu naquele dia, telefonavam constantemente para a casa de Alicia para ou irem ao cinema, ou ao jardim dar uma volta ou até mesmo ir à praia.

Os pais de Alicia comentavam o porquê de não responder aos telefonemas dos amigos, Alicia permanecia calada e dizia em voz alta que não tinha amigos nenhuns.

Entretanto a preocupação da mãe de Alicia ia aumentando de tal maneira que resolveu ir aconselhar-se com a mesma psicóloga que a ajudara aquando a violação.

- Senhora doutora, a minha filha está muito amarga por tudo o que lhe aconteceu nestes últimos tempos e com o que a vida lhe aprontou.
- Pois, é muito normal! Se fosse com um adulto, consigo por exemplo, talvez não aceitava tão bem como uma jovem adolescente como a Alicia aceitou. Foram uns problemas atrás dos outros, sem resolução e sem ela própria desabafar com alguém, recalcou tudo aquilo para dentro de si e isso só piorou o seu estado, pois pode e é o mais provável, que não consiga ter uma vida estável e normal e que fique traumatizada especialmente com os homens para o resto da sua vida.
- Eu sei! Mas... o que é que eu e a minha família pode fazer para diminuir a sua dor, aquilo tudo que está a passar??
- Diga-lhe para vir falar comigo ou então confessar-se a alguém se preferir.
-
- Está bem, eu digo-lhe e muito obrigada, mais uma vez, pela ajuda prestada.

Alicia escutou os conselhos de sua mãe e tomou como decisão ir à igreja confessar-se e aconselhar-se com o padre da paróquia.

Alicia naquele momento agarrava-se a Deus, a um ser que pudesse transmitir-lhe confiança e que lhe indicasse um caminho. Era crente, era católica, de vez em quando fazia algumas promessas, tinha esperança, tinha Fé.

Mal chegou ao destino, deparou-se com uma igreja velha, com uma fachada antiga e lascada, mas que transmitia uma sensação de familiaridade e aconchego que nunca sentira antes.

Assustada com o que poderia acontecer e qual seria o fruto daquela conversa, Alicia aproximou-se, com uma voz encoberta e baixa, destinada ao padre.

- Vem minha filha, aproxima-te e diz-me ao que vieste! - disse o padre carinhosamente.
- Eu... queria confessar-me e desabafar tudo o que infelizmente, aconteceu nestes últimos meses - respondeu Alicia, com melancolia e tristeza na voz, já com as lágrimas quase a transbordar nos seus olhos.

Alicia foi para dentro do confessionário e contou tudo, até ao pormenor. Foi muito difícil, mas era algo necessário para se poder libertar daquele horrível sofrimento.

O padre tocado e angustiado pela vida levada por esta jovem, pela pena e compaixão que sentia pelo próximo, até pelos inocentes que viviam em guerras, aconselhou-a e reconfortou-a, dizendo que se Deus a fez passar por este sofrimento todo, é porque um dia mais tarde ela iria ser bem recompensada e estaria melhor ao lado Dele.

Alicia, saiu dali bem mais confiante, como se uma criança abandonada tivesse encontrado uma família, Alicia tinha reencontrado o rumo da sua vida.

CAPÍTULO X

A escola aproximava-se, era o último ano (se tudo corresse bem) que ali ficava, e ali estava Alicia, sozinha e sem amigos para a ajudar, uma decisão tomada por ela mesma, só pensava em dar o seu melhor nos estudos e vencer esta batalha.

Mas como já se tornava num hábito constante, a vida desta adolescente era bastante atribulada e cheia de surpresas inovadoras.

Acabou o Verão e a escola dava o seu grito de um novo começo.

Como era normal, novas pessoas invadiram a escola e estes caloiros metiam conversa com qualquer um que lhes aparecesse à frente.

Um rapaz de cerca de 1.80m, loiro, de olhos azuis e aparentemente educado e culto despertou a atenção de Alicia.

Visto que já tinha acontecido uma vez, em que Alicia não cumpriu uma sua promessa, pelos vistos iria repetir-se novamente a mesma cena, pois a última promessa que fez foi de nunca mais na sua adolescência se meter com rapazes, e de momento o desejo de conhecer este novo rapaz misterioso era mais forte que ela.

Então deu-se o encontro.

Era hora do intervalo e a correria para a cantina da escola para ir petiscar qualquer coisa, era de tal ordem, que quase se derrubavam uns aos outros.

Mas havia um lado positivo, pois Alicia atarefada com o sumo que bebia, nem deu conta de quem se atravessava pelo caminho.

O rapaz misterioso chocou contra ela de lado, de tal forma que os livros de ambos caíram para o chão e o sumo derramou-se pelo vestido que Alicia trazia.

Mil desculpas foram pedidas pelo rapaz e por Alicia, lamentavam-se tanto que nem se percebia o que cada um dizia.

- Desculpa-me, pois eu devia ter reparado em ti!- disse rapidamente o rapaz, envergonhado pelas próprias palavras que dissera, pois já havia reparado em Alicia de longe há alguns minutos atrás.

- Não faz mal, porque no fundo não tivemos culpa e sim todos aqueles apressados, que se querem despachar para aproveitarem o intervalo- rematou Alicia destemidamente e para salvar a situação embaraçosa em que se tinha metido.
- Deixa que eu limpo o vestido, ou então compro outro..., sei lá...!

O nervosismo do rapaz saltava a olhos vistos e apanhava os livros para disfarçar.

- Como te chamas?- perguntou Alicia curiosa e aproveitando a oportunidade.
- Sérgio! E tu?
- Alicia. És novo cá na escola?
- Sou. Ainda não conheço isto muito bem!
- Deixa estar. Vou mostrar-te e fazer uma visita guiada à escola inteira.- disse Alicia entusiasmada com o novo amigo.

O diálogo destes dois era comentado e observado ao pormenor pelo pessoal da escola, especialmente por Filipe, que se roía de inveja e era provocado com bocas foleiras, da parte dos típicos gozões da zona, a toda a hora.

Coincidentemente, Sérgio era da mesma turma de Alicia, mas apenas a algumas disciplinas, tais como: Alemão, Matemática e Inglês.

A conversa prometia e embora se tivessem conhecido ainda à pouco tempo, as coisas banais que se costumam perguntar já lá iam, e agora o tema de conversa era as origens e o passado de cada um.

Alicia mesmo intrigada não lhe parecia conveniente revelar-lhe imediatamente o que lhe ocorreu, então procurava dar a volta ao assunto de modo a saber tudo sobre ele e não o contrário.

Sérgio, visto não ter ninguém com quem desabafar e dividir os seus problemas, curiosamente quis confiar em Alicia, que transmitia uma serenidade e conforto pelo seu jeito e pelos seus olhos calmos e doces.

Ele ia começar a falar quando... interrompidos pelo toque, tiveram de pôr fim à conversa e regressar imediatamente para as aulas.

- Então vemo-nos a seguir- disse ansiosamente Sérgio.
- Não sei, pois a seguir vou para casa...- notando-se um tom de melancolia na voz de Alicia.
- Não faz mal, pois eu também saio e podemos ficar um pouco a conversar, tudo bem por ti?

- Sim, então está combinado!

Aquela hora nas aulas de ambos, parecia infernal logo estavam inquietos para se encontrarem, como amigos, é claro!

O dia estava límpido e para aproveitá-lo foram sentar-se para uns bancos que estavam na rua.

Então, já estás cá por estas bandas à muito tempo?- perguntou indiscretamente Alicia.

- Realmente, nem por isso. Porquanto, vou ficar talvez dois anos, mas não temos uma data fixa.
- Disseste temos? Quem?
- A minha família, claro! Ou pensavas que vivia sozinho? Tu és muito engraçada, sabias?
- Engraçada, eu? Por quem me tomas? Por alguma palhaça?- disse já ofendida Alicia.
- Não, de maneira alguma, eu somente te acho curiosa e perspicaz e não tomo isso como um defeito, mas sim como uma qualidade. Não pretendo que fiques ofendida pois eu até gosto disso numa rapariga!- Sérgio tentava-se explicar embaraçado.
- Desculpa!- corando Alicia.
- Tudo bem. Retomando a nossa conversa, eu queria dizer-te que sou da Alemanha e sou judeu – o tom de voz de Sérgio diminuía.
- Judeu? Alemanha ? Que fixe, mas...parece que estás triste ... porquê?
- Porque se a minha família soubesse que estava a falar contigo... eu nem sei o que me acontecia...
- O quê?!
- Sim. É porque eu não sei se tu sabes, mas os judeus, os meus antepassados, sofreram bastante na 2ª Guerra Mundial e a nossa família é muito rígida em relação a contactos com pessoas estranhas, pois já não confiamos em ninguém e só podemos contar connosco!
- Eu compreendo-te bem, até melhor do que tu possas imaginar!
- Olha que não sei!!!
- Para te demonstrar vou expor toda a minha história e depois logo vês se és apenas tu que estás isolado do resto do mundo.
- Está bem!

Alicia abriu o seu coração, não por pena mas por compaixão e solidariedade para com ele, que provavelmente estava a sentir-se a pessoa mais abandonada, desterrada, miserável e com mais problemas que o resto de todos nós.

Sérgio transmitia-lhe uma calma e apetecia contar-lhe tudo, era simplesmente incrível.

Era tarde e a hora do almoço aproximava-se, mas incrivelmente eles nem davam pelo tempo passar e quando finalmente Alicia terminou de contar a sua história resumida, Sérgio apenas exclamou com admiração:

- Agora sim acredito em ti. Posso confiar em ti e desde já és minha amiga!!!

Apressaram-se para ir almoçar e combinaram encontrar-se sempre ao início de cada intervalo.

Enquanto isso, Filipe tentava pensar num processo para reconquistar o amor de Alicia, pois por mais que acontecesse alguma coisa para os separar, estes sentiam que iriam ficar juntos para o resto de suas vidas.

Nena por outro lado vivia feliz, pelo menos aparentemente, porque no fundo da sua alma esta sabia que a sua consciência estava pesada, resultado da culpa ao cometer tamanho erro.

Bem, a manhã havia-se passado e já no início da tarde a união entre Alicia e Sérgio era forçosamente o centro das atenções da escola inteira.

Falavam de diversos assuntos, como se já se conhecessem há anos ou inclusive noutras vidas.

Havia como que uma magia única entre os dois, era de tal modo forte, que Alicia soube que iria dar em muito mais que uma simples amizade, embora os seus planos para este novo ano lectivo fossem estritamente os estudos e boas notas em primeiríssimo lugar.

Ao falar com Alicia, Sérgio ia reparando nos contornos e pequenos pormenores de sua cara, corpo e alma. E ia apercebendo-se que ela era a mais linda rapariga que havia conhecido até hoje. Por momentos, deixou de ouvir os sons que saíam da boca de Alicia e calou-se!

Rompeu-se um silêncio incontestável, apenas se ouviam as frases soltas que eram transmitidas pelo olhar de ambos.

Deu o toque para a aula de Matemática, uma das disciplinas que tinham em comum, e aproveitando o facto, correram para a sala.

Sentaram-se lado a lado, mas permaneceram atentos à aula sem trocarem uma palavra a não ser sobre a matéria.

A tarde estava passada e antes de irem para casa trocaram os números de telefone.

CAPÍTULO XI

Já de noite, Alicia não conseguia dormir e como tal aproveitou o tempo livre e pôs-se a pensar no que se tinha sintetizado a sua vida nos tempos em que passara com Filipe e o que ele lhe fez, e agora com Sérgio.

Depois de largas horas a bocejar e a reflectir chegou à conclusão de que já não sentia nada por Filipe e ficou contente! Adormeceu assim, com a cabeça deitada na almofada a sorrir.

De manhã novamente o "maldito" despertador acordou Alicia, para mais um dia de escola e novas descobertas agora ao lado de Sérgio.

Mas para grande desapontamento da parte de ambos ao se encontrarem na escola, Sérgio receava pelo pior ao contar a má notícia a Alicia, acima de tudo tinha medo da sua reacção.

- Então, Sérgio tudo bem?
- Ah! S...i...m e não! - argumentou Sérgio sem saber exactamente o que dizer.
- O que se passa? Queres dizer-me algo?- dizia já atormentada e receosa a jovem.
- Pois eu vou ser directo. O que acontece é que os meus pais descobriram não sei como que nós andamos a falar e para eles vai para além de uma simples amizade. Como já te havia explicado, eles ainda pensam de uma maneira muito peculiar e uma vez que sou judeu, eles exigem que nos afastemos durante alguns tempos.
- Mas Sérgio agora é tarde demais eu .....nós....talvez estejamos demasiado envolvidos não concordas??
- Sim, contudo dá-me algum tempo para poder elucidar os meus pais, para faze-los reflectir todo este mal entendido!
- Pois eu já desconfiava que a minha vida ia bem demais, sim eu já sabia! Nunca nada me corre bem, agora que finalmente arranjei um amigo em

que posso confiar, acontece um empecilho destes!- Alicia esbracejava e falava em voz alta, profundamente irritada.

- Eu não sei o que dizer, olha o melhor é deixar-te sozinha um pouco...- lamentava e sugeria Sérgio.
- Sim é o melhor! Logo te procuro para continuarmos a falar, tchau!

O rumo da vida de Alicia tornara a dar uma volta e uma oportunidade, talvez o destino encarregara-se de *quiçá...*, mostrar-lhe verdadeiramente e de forma objectiva o que ela deve fazer e pelo que deve lutar daqui para diante, num futuro próximo.

Nessa mesma tarde, Alicia fora para casa, repousar e a

meditar em toda aquela conversa. Deitou-se na sua cama e buscou de um caderno e com um simples lápis começou a fazer uns rascunhos, talvez o seu diálogo ou então poesia solta, uns versos aqui, outros acolá, tudo exprimindo a sua cólera, indignação e profunda raiva, o desespero e a revolta contra toda esta vida de ânsia que é a juventude e a puberdade.

“ *Estou aqui sozinha e não tenho companhia,*

sinto-me só e que toda a gente me abandonou, talvez não qualquer gente, mas a «minha» gente, o «meu» mundo, as pessoas que eu amo, que me cercam, todos me abandonaram, os velhos e principalmente os novos amigos. Não tiveram consideração nem piedade e deixaram-me à deriva, como se de um barco vazio e roto se tratasse. Eu não sou assim!!! Eu sou muito melhor! Porque razão estou triste se ninguém se importa com o isso? Eu sou jovem, bonita, cheia de energia, ao menos posso ajudar quem não precisa de ajuda, posso dar ânimo a quem não tem vontade, vontade de viver e de ser livre.

Sim! Porque eu sou livre e é isso, Sim que me faz lutar e me faz viver. Sou livre e posso escolher!!!”

Alicia estava possuída pela melancolia, pela conversa que havia tido ou mesmo discutido com Sérgio.

Estava num daqueles dias em que tudo lhe parecia vago e que nada fazia sentido.

Estava zangada consigo própria, tudo na sua cabeça revoltava-se, desde a sua aparência exterior, o seu aspecto à vista dos outros até ao simples facto de estar descontente com o corpo, a mente, a personalidade que Deus lhe deu.

Estava miseravelmente infeliz e se contasse a alguém (coisa que era impensável, pois na altura não tinha amigos, namorado, nem uma única pessoa com a qual pudesse desabafar) ninguém acreditaria que tudo começara com um evidente desentendimento.

Acabou por adormecer, quando acordou era novamente horas de dormir, pois a noite havia começado e o dia ainda tardava para nascer.

A monotonia de ir para a escola, de estar na escola, de sair, de estudar sempre sozinha, começava a irritá-la e a preocupar os pais de Alicia, que não sabiam a razão e que principalmente achavam estranho uma jovem como ela estar sozinha e não ter quaisquer amigos.

Até que um dia, finalmente, para o bem de todos este pesadelo acabou.

Sérgio chegou ao pé de Alicia, quis retomar e esclarecer a conversa que não havia terminado há tempos atrás. Alicia escutou tudo o que ele tinha para dizer, do princípio até ao fim, sem interromper e sem fazer comentários por muito estranho que isso parecesse.

- Depois do que te disse, em relação a podermos ser amigos, já que eu expliquei aos meus pais a nossa relação, tu não dizes nada?
- O que queres que eu diga? Que estou contente? Estou sim, escusas de ficar admirado...
- Tens uma forma muito estranha para mostrar a tua alegria aos outros- disse Sérgio um pouco indignado.
- Não é isso, não és apenas tu, mas todas as pessoas que me abandonaram ultimamente, deixa que eu logo fico melhor! – disse Alicia, com a intenção de reconfortar Sérgio.
- Está bem. Para passar as mágoas de ambos queres sair este Sábado?
- Pode ser, mas tens de me prometer que irá ser uma noite divertida e inesquecível!!!
- Deixa isso comigo – rematou contente Sérgio.

CAPÍTULO XII

Decerto que iria ser uma noite memorável, pois mesmo sem saber, Filipe também iria sair na companhia de Nena e suas novas "amiguinhas".

Alicia estava deslumbrante, pois até os seus pais começaram avistar uma luz e uma esperança no fundo do túnel.

Sérgio que nunca a tinha visto de noite, ficou boquiaberto e simplesmente sem saber o que dizer apenas soletrou: *estás linda!!!*

No bar apenas eles os dois, causavam a impressão de que eram namorados, feitos um para o outro, no entanto era apenas o início de uma bela amizade.

Filipe mal pôs os olhos em cima de Alicia, os seus já "enterrados" sentimentos vieram ao de cima, mas como não se falavam, somente os olhares falavam entre si.

Foi uma noite bonita, e é necessário acrescentar que apesar dos confusos sentimentos de Alicia já se notava uma cumplicidade entre ela e Sérgio.

O tempo foi passando e as feridas sarando e já estava à porta a época natalícia.

Todos sentiam que com o ano novo a começar, também iniciar-se-ia uma nova vida, bem melhor do que a que foi deixada para trás.

~*~

O tempo foi passando, e o Natal e a passagem de ano tinha sido um autêntico êxito, apenas surgia o grande dia.

Finalmente o dia esperado por Alicia, o dia dos seus 17 anos. Estavam todos presentes, os pais e a sua respectiva família, Sérgio, Nena que fizera as pazes com Alicia que no final do ano quando se apercebeu como ela era importante para si, pediu-lhe desculpas (mesmo assim nem tudo continuou como antigamente, quando eram velhas amigas).Todos menos Filipe, pois

quem tinha de lhe pedir desculpas era ele, o que não o fazia meramente pelo seu orgulho.

A festa era dada em casa de Alicia com jogos, comida e loucuras à mistura.

Exactamente no momento em que Alicia ligou a aparelhagem e começou a tocar a música de Filipe e de Alicia, entra ele pela porta perguntando com uma cara de misericórdia:

- Podiam deixar-me a sós com Alicia, por favor?
- Podem ir descansados que eu cá me entendo!- disse espantada Alicia.

Os amigos retiraram-se, mas notou-se um certo ciúme e raiva pela parte de Sérgio.

A conversa iniciou-se e aquele dia era para não esquecer.

- Podes começar porque estou ansiosa pelo que tens de me dizer – disse friamente Alicia.
- Primeiro quero pedir-te desculpa se te fiz sofrer, mas tu também me fizeste e muito! Depois, quero que saibas que nunca até hoje e embora já tenha passado imenso tempo deixei de gostar de ti, e que o que fiz com Nena foi impensável e resultado de uma noite de bebedeiras. Só quero voltar a falar contigo e que possamos deixar todos estes mal-entendidos para trás. Já agora, foi preciso muita coragem para eu estar aqui hoje e quis trazer-te o meu perdão como tua prenda de anos!

Comovida e um pouco convencida de sua sinceridade, Alicia abraçou-o e respondeu-lhe:

- Tinha muitas saudades tuas, mas esquecer o que fizeste, nunca, ainda que tenhas tido este gesto dignificante. Promete-me que não voltarás a fazer o mesmo pois garanto-te que não terás uma segunda oportunidade.
- Prometo-te!!!

Pela janela da casa de Alicia, lá fora, Sérgio observava com rancor os gestos de cumplicidade de ambos.

Alicia dirigiu-se à porta e fez questão de dizer aos pais e a todos os presentes que havia reatado o namoro com Filipe e que desta vez era para valer.

Nisto, Sérgio começou a correr em direcção a sua casa, até que Alicia saiu, gritou-lhe e ele parou até que esta o intercedeu.

- O que é que se passa contigo? Não estás contente por veres-me feliz? Então, começaste a correr? O que é que te deu?!
- Eu digo-te Alicia, primeiro dás-me esperanças e fazes com que eu fique desesperadamente apaixonado por ti, não consigo dormir sequer uma noite sem ti, não consigo comer sem deixar de pensar em ti, levas-me à loucura e por fim dizes à minha frente que voltaste a namorar com um cretino como o Filipe que já te aprontou montes de coisas!!! Achas que não são razões suficientes para sair da tua linda festinha?
- Eu não sei o que dizer, eu nem sabia, nem desconfiava que tu gostavas de mim!
- Pois, tu apenas querias e necessitavas de um ombro amigo, até que o teu príncipezinho voltasse para ti, não era? Adeus... e felicidades.

Alicia não sabia que atitude tomar, pois acabara de magoar um grande amigo e mais que ninguém sabia exactamente qual a sensação.

O tempo foi passando e a relação entre Filipe e Alicia ia melhor do que antigamente, mas no seu coração e na sua consciência a culpa que sentia quanto a Sérgio, não cessava.

Era Verão novamente e a escola havia terminado, chegara a época de exames e era este ano que se podia concretizar um dos seus maiores sonhos: entrar para a faculdade.

Mas havia um pequeno senão. A sua mãe era uma pessoa extremamente doente e tinha sido infectada por um vírus irreconhecível. Os especialistas que se deslocavam constantemente a casa desta, até abastada família, eram os melhores e nenhum sabia do que se tratava apenas que era contagioso e que com o passar do tempo e sem tratamento podia ser mortal.

CAPÍTULO XIII

Com esta terrível notícia, o sofrimento de Alicia ia aumentando e o tratamento era apenas alguns míseros medicamentos, que a julgar pelo seu tamanho, nem curavam uma simples gripe.

- Paizinho, o que podemos fazer para libertar a mãe deste terrível destino? Ela vai melhorar não vai?! Claro..., eu até já estou a vê-la correr de um lado para o outro, na azáfama das compras ou então a guerrear comigo por não ter feito a cama, não é pai?- dizia chorando Alicia que estava possuída pela esperança.
- É sim filha, tudo há-de se arranjar. Vais ver!!- dizia o pai, alimentando o desvario da filha e de sentir-se de mãos atadas quanto à doença de sua querida mulher.

Passados sete dias, o inevitável aconteceu... a mãe de Alicia morreu!

Alicia não tinha reacção nenhuma a não ser chorar.

Chorava sem cessar! Tudo à sua volta era-lhe indiferente, pois a vida já lhe tinha causado tanta mágoa que achava que nem valia a pena viver! Já tinha pensado uma vez no mesmo, quando fora violada, queria acabar com o mal pela raiz, com toda aquela dor, com todo aquele sofrimento. O pai, esse, via-se inútil tanto para ajudar a filha como a ele próprio. O namorado, ajudava-a e encaminhava-a para que Alicia continuasse a sua vida, pois argumentava que se a sua mãe fosse viva, gostaria que ela fosse feliz, que tivesse uma carreira, e havia de ter imenso orgulho nisso.

Alicia, com o passar do tempo (um a dois meses), entendeu o que Filipe lhe alertava e tentou buscar toda a força do seu interior e continuar a sua vida.

Todos sabemos, é claro que este acontecimento e tantos outros que já haviam acontecido na vida de Alicia, nunca iria ficar esquecido na sua memória e que iria mais uma vez, mudar a forma com que ela via o mundo.

Setembro estava a aproximar-se, e com ele a faculdade e o grande problema de enfrentar Sérgio.

As aulas estavam prestes a começar, como era na Universidade, começavam tarde, a meio do mês de Outubro.

Alicia havia tido excelentes notas, entrara para a faculdade com uma boa média, o que fazia com que ela podia concorrer e até ganhar uma bolsa de estudo para ir estudar para França (onde moravam alguns familiares seus),mas isso implicava que ser professora de matemática, era uma profissão “rasca” demais para as suas belas notas e para o local onde poderia vir a estudar.

Alicia estava indecisa. Porque uma escolha como aquela que lhe estavam a propor, era tão radical, que era completamente descabida e que desfazia os seus sonhos já à muito tempo sonhados.

Havia chegado a altura de mudar, mas era-lhe tão difícil, abandonar o seu pai sozinho, amigos e namorado, embora já tivesse tido uma experiência desse tipo, quando foi para Nova Iorque, mas desta vez era definitivo.

Alicia reflectiu bem e achou que não deveria de continuar. Tomou como decisão seguir outra carreira, a de médica. Esta escolha baseou-se no simples facto de que havia de evitar com que outras pessoas não sofressem tanto como ela sofreu com a perda de sua mãe, e assim queria ser médica para ajudar a cuidar e curar as doenças talvez até incuráveis de inúmeras pessoas.

Estava no caminho certo (pensando ela que agora havia encontrado!), achava que finalmente tinha encontrado o seu verdadeiro dom, o de ajudar.

Em relação à sua família tudo estava na confusa normalidade e quanto a Filipe, que iria enveredar como director de artes dramáticas através de uma exposição de trabalhos realizados por este, a situação era semelhante porque ambos sabiam no fundo que se iriam separar pelas carreiras de cada um, no exacto momento em que iniciassem os seus estudos na faculdade.

Mas, por mais estranho que pareça, Alicia não estava tão preocupada quanto deveria com este obstáculo, pelo menos não demostrava nenhum interesse, nem inclusive tristeza por perder Filipe, o grande amor de sua vida. Todavia, uma vez que há explicação para tudo, para este caso concreto, a “desculpa” a dar, era que devido àquele problema da violação (nunca esquecido), Alicia jamais esteve bem na sua relação com Filipe e o melhor era separarem-se (mas desta vez, podem crer que é para sempre!).

~*~

Passados alguns anos de árduo trabalho, em que por um lado o pai de Alicia tentava a todo o custo esquecer a morte da sua estimada mulher, envelhecendo, apesar de não dar nenhuma importância ao tempo passar; também a sua irmã vivia descansada com o marido e agora dois filhos, pois havia engravidado novamente, desta última vez de uma linda e saudável menina, na sua casa nova; Sérgio, tornara à Alemanha para se poder formar na especialidade de ginecologia, também como médico, até muito respeitado profissionalmente; Filipe abrira uma empresa na qual era o director onde constantemente eram dadas exposições e festas de alto gabarito; Alicia havia concretizado o seu sonho de ser médica e quando acabou o curso, (fora mesmo para França estudar dois anos – o estágio) através de inúmeros conhecimentos, arranjou imediatamente emprego num hospital em Coimbra, mas esta atitude implicava que o seu pai viesse também morar com ela em Coimbra, pois daí em diante a sua vida iria ser ali, ou então o seu pai ficava no Algarve com a irmã e o cunhado. Era uma escolha difícil, mas tinha de ser tomada. O pai de Alicia optou por ficar com Isabel, por grande desgosto de Alicia, porque assim sendo esta iria morar ali sozinha para o resto dos seus dias.

CAPÍTULO XIV

Alicia estava triste e pensava dias sem fim no que tinha sido a sua vida, e que poderia ter sido melhor se tivesse ao lado de Sérgio, pois passou parte de sua vida enganada, ao lado dum amor que a enganou e que se separou dela sem nenhuma satisfação, que deu mais importância ao trabalho que a ela, e isso nunca se faz a uma mulher, pois só cria nela, rancor, mágoa, vingança, tristeza e nenhuma vontade de amar...

Era noite, quase a iniciar a madrugada, perto da uma da manhã, quando batem à porta da casa de Alicia. Sobressaltada, Alicia acorda, dirige-se à porta e pergunta quem é. Ninguém responde, nisto ela abre a porta e ouve novamente um ruído, olha e vê um gato preto a brincar com uma lata. Embora achando tudo muito bizarro, fica mais descansada, mas, ao fechar a porta repara que está no chão, quase a empenar a porta, um envelope.

Senta-se na sua cama com a luz semicerrada do candeeiro a bater no misterioso envelope. Ela abre-o. Parece ser uma espécie de carta, que dizia:

Olá! Vi o teu nome num jornal, num artigo, a dizer que eras uma excelente médica. Fiquei curioso e como estava a tua morada, abaixo do artigo, resolvi escrever-te! Não sou nenhum tarado e não tenho o hábito de fazer isto! Confesso-te que até é a primeira vez, e também deves estar com mil e uma perguntas na cabeça. É compreensível! Queria discutir contigo o assunto de que falaste no artigo, pois é-me muito interessante! Acho que por carta, não tenho mais nada a dizer-te, apenas que se quiseres falar comigo e responder ao tema que te proponho, basta ires à Internet, pois estou sempre lá on-line. Sou o dark side of moon. Adeus e até qualquer dia!

Intrigada, Alicia, vai para o computador imediatamente e liga-o à Internet, tentando procurar o remetente daquele envelope. Não sei se foi o destino ou uma espécie de magia, mas...

Encontra-o! Começa a conversação:

- Olá! – saudou Alicia.
- Olá, tudo bem? – escreveu o desconhecido.
- Foste tu que me mandaste aquela carta?
- Ah! Sempre vieste, pensei que não vinhas!

Por mais estranho que pareça, Alicia não se dera ao trabalho de perguntar quem era este homem e dava-lhe um certo prazer o risco que corria, o perigo iminente.

- Sou muito curiosa, e queria saber de que é que afinal querias falar comigo...
- Bom, queria saber porque falaste aquilo tudo no artigo sobre o «Milagre da Vida», é mesmo aquilo que pensas, porque se é, então estás na profissão errada, deverias ter antes seguido psicologia...
- Sim, é mesmo aquilo que acho. Na minha opinião pessoal, do que serve a vida senão para construí-la com o amor que é o fruto do ódio dos homens!
- Ena! Isso é um pouco forte demais! Eu todos os dias ajudo a dar ao mundo milhares de crianças, de seres que desabrocharam de um amor construído por dois humanos.
- És ginecologista?
- Sou. Pelos vistos és muito perspicaz...
- Diz-me uma coisa... quando te pões a pensar no vago, e olhas para o infinito, o que é que gostas mais?! – Alicia tenta desviar o assunto para ver até que ponto conhecia esta pessoa e a sua sensibilidade.
- Sinceramente, da música das ondas do mar que batem na areia molhada , do céu que parece fazer desenhos

com as nuvens a tentarem dizer-nos algo, algo que o destino tanto se esforça para nos encobrir e proteger!

Das árvores e do horizonte, do pôr do sol, das estrelas que distam a milhões de anos-luz, enfim de tudo que é inexplicável, que é magnificamente belo! E tu?

Alicia, depois de ver isto tudo fica atordoada, pois é precisamente o que ela pensa, o que ela gosta, sem qualquer sombra de dúvida. Apaixonara-se pelas palavras e pensamentos este homem misterioso, pela sua maneira de falar, de se exprimir, mas mais uma vez rancorosa ou com o pé atrás, pelo passado que teve, e da maneira como pensa que continuará a ser o seu presente, Alicia decide ir embora e não lhe responder.

~*~

O maldito despertador toca a indicar que começa mais um dia de trabalho, mais uma luta contra a morte, onde é sempre esta que no fim, acaba por vencer.

Contudo, os dias no hospital de Coimbra até que são simpáticos, embora exista sempre um ou outro caso mais difícil por resolver, mas os colegas, os doentes, o pessoal hospitalar era simpático, alegre e gostava do que fazia.

Nesse dia, bem cedo às 9.30h tinha uma reunião importantíssima, pois o hospital iria ser reconhecido como um dos melhores do país ao colocar um ginecologista famoso, vindo especialmente do estrangeiro, precisamente da Alemanha como chefe da secção para melhorar o trabalho ali desenvolvido.

Acabara de entrar o médico, e nisto o director do hospital começa as apresentações:

- Passo-vos a apresentar o melhor ginecologista do mundo, que vai ensinar-nos como trabalhar em equipa, pois no estrangeiro os métodos neste meio de trabalho são bastante mais desenvolvidos. Estamos perante a presença do Dr. Sérgio Chagall !
- Obrigado, mas não é preciso exagerar, eu sou apenas um simples médico como todos vocês – afirmou Sérgio entre sorrisos.
- Não seja modesto Dr.. Nós seguimos a par e passo o seu trabalho e sabemos exactamente como actua. Parabéns! E é uma honra poder tê-lo aqui connosco. Seja bem-vindo! – remata o director Dr. Carlos Rocha.

Seguiu-se uma salva de palmas e algumas perguntas soltas sobre o seu país e a sua profissão.

Nisto, o Dr. Carlos chama à parte Alicia e diz:

- Dr. Sérgio, esta é uma das mais prestigiadas médicas deste hospital, cujo trabalho é muito positivo e eficaz, a Dr. ª Alicia Castro.

- Muito prazer Dr. Sérgio- disse Alicia um pouco intimidada mas sabendo muitíssimo bem quem era aquele médico alto, loiro e com uns belos olhos azuis!

Mesmo com o passar dos anos, já ambos com 24 anos de idade, Sérgio não mudara praticamente nada, era mais maduro, é verdade, mas isso até dava-lhe um certo charme.

- O prazer é todo meu Alicia, ou devo antes dizer Dra. Alicia Castro?- perguntou Sérgio já suspeitando de que ambos se haviam reconhecido instantaneamente.
- Como queiras Sérgio... , há imenso tempo que não te via... , estás melhor..., mais bonito... e pelos vistos tens um óptimo emprego!
- Pois, também te digo o mesmo, aliás pra pôr a conversa em dia, queres ir tomar um café ou qualquer outra coisa?
- Pode ser, mas como agora tenho que trabalhar o melhor seria combinarmos ir almoçar num restaurante aqui perto que eu conheço, pode ser? Ou ‘tás com alguém?- disse Alicia, curiosa por saber se ele por acaso estava casado.
- Não, não estou com ninguém, (sorriu) e aceito o teu convite. Até logo!
- Tchau!

A manhã passou-se e tanto Alicia por um lado, como Sérgio por outro, estavam desejosos por se encontrarem novamente, para saberem o que tinha acontecido durante os anos que passaram.

Chegou a hora de almoço e na sala de convívio dos médicos, eles encontraram-se, prontos para saírem, e até chegaram a ouvir alguns murmurinhos das colegas de Alicia a dizerem:

- Ela é que faz bem, mal chega o médico novo, que é um autêntico borracho, vai logo sair com ele! Ela é que tem sorte!

Ambos sorriram e dirigiram-se para o restaurante.

O restaurante era ao virar da esquina do hospital, e era muito resguardado, pois tinha-se que descer umas escadas para lá entrar, como que numa cave. Era muito acolhedor, até parecia que Alicia tinha de propósito reservado a sala inteira só para eles, porque estavam praticamente sozinhos, apenas no canto oposto, onde iriam sentar-se estava um casal muito apaixonado a almoçar.

- Tudo bem! Está óptimo esta mesa! Mais uma vez obrigado. – agradece Sérgio ao empregado do restaurante.

Sentaram-se e escolheram de imediato o que iriam comer, como que a despachar as futilidades, para se entregarem de corpo e alma à tão desejada conversa.

- Então?... ao fim de tanto tempo, encontramo-nos finalmente...até parece um sonho... – disse Sérgio, recordando os velhos tempos.
- Pois, nunca pensei que te iria encontrar e que iríamos falar assim,...tão bem..., até cheguei a pensar que não ias falar-me mais!
- Oh!...Alicia! O que é passado já ficou lá atrás e não importa mais e acho que hoje, agora, temos de ser sinceros um para o outro, não achas?
- Sim! Acho que já somos ambos bem crescidinhos para decidir o que fazemos da vida – convictamente respondeu Alicia.
- Isso é verdade e para mostrar que ainda sou sincero como nos bons velhos tempos...digo-te desde já que...

Sérgio ia revelar-lhe que era o dark side of moon, e que já sabia perfeitamente quem ela era e em quem se tinha tornado, pois acompanhara a par e passo toda a sua vida desde que abandonara Portugal, quando de repente o empregado de mesa apareceu ao pé deles com os respectivos pratos de comida, ornamentados e aparentemente bem cozinhados, apesar da fome de ambos não ser nenhuma. Aquele silêncio era aterrador, como que a anunciar algo que estava prestes a acontecer.

Começam a comer e para quebrar o gelo, toca o telemóvel de Alicia sem parar.

CAPÍTULO XV

- Desculpa-me, mas eu tenho de atender, deve ser do hospital, pode ser importante, está bem?
- Estás à vontade, atende...
- Ok! Mas é só por um bocadinho, volto já para retomarmos a conversa.

Saiu da mesa e dirigiu-se para a saída.

- Estou?... sim sou eu...quem?...não conheço ninguém com esse nome e não estou a perceber nada do que está a falar..., com licença...- ia desligar quando...
- Alicia? És tu?...é o Dean...lembras-te de mim? De Nova Iorque?, por favor,...diz qualquer coisa..., estou?.. estou?...

Nisto, o telefone cai ao chão e a chamada desliga-se, enquanto isto acontece, Sérgio observa tudo com atenção e ao ver a cara pálida da sua amada, corre para a porta do restaurante e pega no braço de Alicia.

- Estás bem? O que é que te aconteceu?
- Senhor empregado? Podia trazer-me um copo de água com açúcar para esta senhora se faz favor?- pede aflito Sérgio.

O empregado trouxe de imediato a água que a melhorou um pouco.

- Sérgio? O que aconteceu? Eu estava ao telefone e depois...acho que era com o Dean?! Mas é impossível, eu já não o vejo há anos e da última vez que soube dele, disseram-me que ele tinha...
- Que ele tinha o quê? Alicia?! Fica comigo, não desmaies por favor, estás a ouvir-me?...

Sérgio deu-lhe novamente água e passou com o polegar pela sua testa, com o propósito de refrescá-la e fazei-la sentir-se melhor. No entanto, nada havia a fazer. Decidiu pagar a conta, que não pagou pois o empregado observando tal situação não cobrou absolutamente nada pelo almoço, e levou-a para sua casa, pois lá tinha medicamentos e poderia cuidar de Alicia bem melhor e confortavelmente.

Chegaram a sua casa. Era a dois quarteirões do restaurante, era bastante acolhedora, e estava bastante bem arrumada para um homem que vivia sozinho. O quarto era extremamente grande e estava decorado em tons de amarelo e coral, transmitia uma boa vibração, havia velas a combinar espalhadas, algumas notavam-se que eram acesas com bastante frequência.

Deitou-a na cama e foi à despensa, buscar todos os medicamentos necessários, nomeadamente o álcool para a acordar, foi também à cozinha preparar um chá, para a manter calma e quente durante a tarde.

O dia estava lindo lá fora desde a manhã, mas no dia anterior haviam anunciado que iria, por incrível que pareça, chover durante a tarde e prolongar-se até à noite.

Com o álcool e os sais que Sérgio deu-lhe a cheirar, Alicia acordou imediatamente. Não sabia onde estava mas depressa se apercebeu que só poderia ser a casa do amigo.

- O que aconteceu? Como vim parar aqui?
- Calma! Estavas tonta e desmaiada e decidi trazer-te para minha casa, pois não sei onde fica a tua. – justificou-se Sérgio.
- Está bem! Obrigada por tudo, obrigada mesmo...mas agora acho que vou-me embora, descansar.

No exacto momento em que Alicia diz isto, ouve-se o ribombar de um trovão e uma chuva rápida e forte inicia-se naquele preciso instante.

- Já não vais a lado nenhum, e antes de mais vais beber este chá que fui eu que fiz, mesmo não tendo jeito para a cozinha, e depois, vais explicar-me tintim por tintim tudo aquilo que se passou lá no restaurante, porque fiquei muito preocupado contigo, ouviste bem, minha menina?...
- Está bem, desculpa, acho mesmo que vou ficar por aqui e acho também que te devo uma explicação.
- Se estiver a chover muito, podes até ficar cá a dormir, eu tenho dois quartos por isso,...estás à vontade.
- Eu não quero incomodar-te...
- Não incomodas nada, mas vamos lá, começa lá a contar que raio de telefonema era aquele? Quem era a pessoa que te queria falar e que te assustou assim tanto? O que realmente se passou contigo? - perguntou intrigado Sérgio.

- Ok! Então é assim: lembras-te do Dean? Aquele rapaz que conheci em Nova Iorque, quando eu andava na escola secundária e fui de férias no Verão?
- Sim, lembro-me perfeitamente. Tu contaste-me do que tinha acontecido, do assalto e tudo mais....sim....o que é que tem?
- Pois era ele... ao telefone ! ! !
- E o que é que tem de especial? Já não se vêm há muito tempo, é? Mas é normal que ele queira falar contigo, não é? Matar as velhas saudades!
- Pois, é exactamente essa palavra que utilizaste: matar! À uns anos atrás, recebi uma carta dos pais dele, muito preocupados com o filho porque ele tinha fugido de casa e dizia constantemente que queria vir procurar auxílio aqui em Portugal, mais concretamente na minha casa, e queria cá ficar e deixar lá tudo. Mas a razão pela qual o fez dizer e tomar todas estas atitudes, ainda era desconhecida pelos pais. Até que...uns meses mais tarde, talvez três ou quatro, da recepção dessa carta, recebi outra, só que desta vez era dele mesmo. Dizia que estava a viver numa casa sozinho, e trabalhava durante o dia, enquanto que há noite era dj numa discoteca qualquer na Califórnia. Estava muito mal, pois tinha um grande problema e por isso resolveu isolar-se de todos os que amava. Tinha uma grande doença, tinha contraído o vírus da SIDA. "Estou à beira do abismo, às vezes passam-me ideias na cabeça, tenho vontade de acabar com isto de uma vez por todas, sem sofrer, sem deixar nada para trás. Não quero ajuda. Só piora a situação. Estou a pensar em..."- eram as palavras dele. Nunca mais me esqueço! Foi doloroso para mim, pensar que alguém por quem eu tinha um grande carinho queria acabar com a sua vida.
- E logo nós, que somos médicos a quem nos cabe salvar vidas e decidir pela vez de inúmeras pessoas, os que estamos em contacto directo com a morte todos os dias! Como é que o poderias salvar? Como? Era impossível... ele já estava condenado a morrer pela própria doença, ao ver dele, era apenas adiar a data da sua sepultura.
- Exactamente! Então decidi escrever e contar tudo aos pais, mas já não recebi resposta...recebi, antes, um telefonema, a avisar que naquele dia realizava-se o seu enterro e que, claro, não contavam com a minha presença, devido à longevidade.

- Daí, hoje ter entrado em pânico, pois ao telefone ouvi a voz dum homem a dizer que era o Dean e isso aterrorizou-me, pois como poderia ser ele se já havia falecido? Há qualquer coisa que não bate certo...
- Agora percebo tudo! A tua reacção, os teus nervos...

A conversa ia prolongando-se e depois de estar tudo esclarecido, iam retomar a conversa do almoço...

- Está a ficar tarde e chove tanto...
- Tens fome? Vou encomendar comida chinesa para jantarmos, já são 8 horas. O que achas?
- Acho bem? Afinal de contas, não almoçámos nada com esta história toda. – disse Alicia já bem mais animada.

Sérgio telefonou e daí a cerca de 15 minutos a campainha tocou a indicar que a comida chegara. Dirigiram-se para a sala e sentaram-se no chão onde deliciaram-se a comer e a "brincarem" com os pauzinhos.

- Então... diz-me Sérgio ... o que querias dizer-me no restaurante, porque desse pormenor lembro-me perfeitamente ...
- Ah! pois... já me esquecia ...
- Diz lá! – insiste a médica
- Queres a verdade, não é? Então aqui vai: é que eu, por acaso, já sabia quem tu eras, e que trabalhavas naquele hospital, então... para meter-me contigo, coloquei aquele envelope debaixo da tua porta, e eu sou o dark side of moon, e usei aquilo tudo como pretexto para nos encontrarmos e saber como eras e se ainda te lembravas de mim, antes de te ver novamente no dia a seguir, na minha estreia no hospital. Pronto! Já disse! Satisfeita?
- Muito!... és mesmo tolo!... – ria divertida Alicia – como é que eu ia-me esquecer de ti? Diz-me? És simplesmente ...irresistível...

Depois das risadas e da boa disposição, seguiu-se um momento de silêncio. Limitavam-se a olhar um para o outro, encantados com a sua descoberta, a qual todos nós ansiamos, a por qual suspiramos, odiamos, renegamos e até matamos para ter um pouco desta paz: o amor!

Alicia quebrou o silêncio com o quebrar de um copo, entretida com o seu olhar!

Era noite, e depois de um dia como este, Alicia ansiava por se deitar na cama ainda por mais, sendo esta ao lado da de Sérgio. Era fascinante observar o modo como estavam ambos inquietos em dormirem sob o mesmo tecto.

Antes de dormir, Sérgio como habitualmente fazia, ligava em volume médio o rádio e deixava-o a tocar, deixando-se levar pelas músicas calmas e silenciosas até que, por fim, dormia. Alicia adorou a ideia.

Por volta das três e meia da manhã, Alicia sonhava perturbadamente. Acordou sobressaltada. Dirigiu-se à cozinha, abriu o frigorífico e retirou um jarro com água. Como não sabia onde estavam os copos, abriu todas as portas dos armários, até que encontrou. Sérgio, com o barulho, também acabou por se levantar, preocupado com o que teria acontecido àquelas horas.

- Alicia?...'tás bem? O que aconteceu?!
- Desculpa, não queria acordar-te. Fiz barulho não foi? Não aconteceu nada, apenas tive um sonho e despertei com sede.
- Ah!...tudo bem. Já agora, passas-me aí a água, se fazes favor?

Alicia como não acendera as luzes para evitar que Sérgio acordasse, estavam ambos completamente às escuras. Assim, ao passar a água, enganou-se e...derramou-a por cima da camisa dele...foi um desastre...

- Desculpa-me ... , peço imensas desculpas...
- Deixa lá, não há problema...
- Eu limpo... espera que vou buscar um pano.
- Tu não sabes onde é que está, espera...

Sérgio levantou o braço e abriu um armário que estava mesmo por cima da cabeça de Alicia. Ficou por cima dela, e ao dar-lhe o pano para ela secar a água sobre o seu peito, eles os dois, descalços, ali na cozinha, completamente às escuras, apenas com a luz da lua a reflectir-lhes na cara, trocaram um beijo, tão simples e carinhoso, mas ao mesmo tempo caloroso e duradouro. Parecia durar uma eternidade.

Alicia desapertou os botões da sua camisa húmida e deixou-a cair ao chão. Sérgio puxou com intensidade a blusa de Alicia e atirou-a para uma cadeira...pegou-a ao colo e levou-a para o seu quarto...e ali sim, tudo aconteceu, onde somente as paredes, e o luar eram testemunhas da sua enorme paixão...

CAPÍTULO XVI

Acordaram de manhã enternecidos pelo olhar. Tudo naquele momento parecia mágico, perfeito. Falaram pouco, pois já pouco havia a dizer. Cada gesto falava por si e já havia sido tudo dito.

Levantaram-se, tomaram café e foram a correr para o hospital.

No hospital estava nas urgências um rapaz de cerca de 24/25 anos a gritar qualquer coisa que ninguém percebi bem, pois era em inglês. Alicia e Sérgio atravessaram aquela multidão de pessoas à espera de um sinal de socorro e de ajuda. Despediram-se e foi cada um para a sua sala, indiferentemente ao que tinha acontecido na noite anterior.

Na sala de Alicia estava uma nova colega de trabalho, havia chegado há pouco tempo e era enfermeira. Tinha a reputação de ser extremamente profissional. Tinha 22 anos, era alta, loira e tinha uns belíssimos olhos azuis e estava ali disposta a colaborar e para o que der e vier.

- Muito prazer em conhece-la, eu sou a Eva.
- Olá! Eu sou como já deves calcular a tua superiora, sou eu que vou supervisionar todo o teu trabalho e ver se te adaptas bem neste teu estágio. Mas isto não passam de formalidades. Sou a Dr.ª Alicia Castro. Espero que venhas a gostar de cá estar e podes contar sempre com a minha ajuda.
- Obrigada! E irei fazer de tudo para merecer a sua confiança.

Eva iniciou o trabalho e foi directamente para as urgências. Alicia acompanhou-a para esclarecer todas as suas dúvidas, quando, subitamente, alguém a agarra pelo braço!

- Precisa de alguma coisa? Espere só um bocadinho que a enfermeira trata já do assunto...
- Não! O que eu quero mesmo é falar com a doutora. Alicia, não é?
- Sim, sou eu mesma. E quem deseja saber?
- Eu... o Dean!

Alicia olhou de repente de alto a baixo para o sujeito que se apresentava diante dela, e concluiu rapidamente que este rapaz já não comia há alguns dias, provavelmente também não dormia e a julgar pelas suas roupas, já há alguns meses que não tomava banho! Simplesmente negava tudo aquilo que via.

- Como é possível tu aqui...?
- É uma longa história, podes-me ajudar? Por favor...
- Está bem! Espera só um pouco...
- Eva!

Eva observava a cena com tanta atenção que nem se apercebeu que havia sido chamada.

Alicia pegou numa caneta e bloco que tinha dentro de sua bata e escrevinhou qualquer coisa e disse:

- Eva! Por favor dá isto ao Dr. Sérgio Chagall e avisa o director que tenho de ir embora. Diz que é uma emergência, está bem? Não te esqueças!
- Fique descansada Dr.ª.
- Então muito bem! Vamos? – afirmou virando-se para Dean.

Levou-o para sua casa. No carro quase não trocaram palavras. Deixou-o em casa e mostrou-lhe como se ligava a água para o banho, o lugar das toalhas e a cozinha, caso estivesse fome. Disse que iria sair mas não demorava nada, estaria ali dentro de 15 minutos.

Foi comprar roupa para Dean e também alguma comida para preparar o almoço.

Abriu a porta, e dirigiu-se para o quarto. Deparou-se, muito embaraçada com Dean seminu. Atirou-lhe as roupas para cima da cama e disse para se vestir rapidamente.

Sentou-se no sofá onde pensava mil e uma maneiras de começar as perguntas até que decidiu...

- Primeiro deixa-me falar e explicar, Ok? – retorquiu Dean.
- Como queiras! – concordou Alicia.
- Então aqui vai: tu sabes perfeitamente que sou portador do vírus da SIDA e pensavas até à bem pouco tempo que eu tinha morrido não era? Mas foi tudo mentira! Os meus pais, ao contrário do que possas ter pensado, não me ajudaram e viraram-me as costas no primeiro instante em que lhes disse que tinha esta doença mortal. Então, inventei aquela história toda da morte, inclusive para os meus pais, pois nem sequer eles sabem que estou

vivo, depois de toda a dor do abandono que me causaram, provaram um pouco do seu próprio veneno... sim..., eu bem os vi... no "meu" enterro a chorarem e a pedirem misericórdia e perdão...

- Mas então como cá viste parar e como conseguiste sobreviver se ninguém sabe que cá estás? – inquiriu Alicia.
- Bem... eu... pedi ajuda..., quer dizer, quando tu foste embora naquele Verão há uns anos atrás, deixaste em minha casa, uma carta, esquecida, dirigida a Filipe e como lá só vinha escrito coisas referentes ao Filipe, decidi não ta enviar, talvez por cobardia... ciúmes... sei lá...
- E depois...?
- Depois... há dois anos...resolvi escrever a Filipe, a perguntar por ti, a dizer-lhe quem eu era e tudo mais... até que fomo-nos correspondendo assiduamente até hoje...
- Tu e o Filipe?! Mas como é possível?

Dean ignorou a sua pergunta e continuou com a explicação.

- Eu contei-lhe da minha doença, e ele foi visitar-me, porque tinha uma convenção qualquer em Nova Iorque, devido ao trabalho dele, pois... ele é artista plástico, sabias?

Alicia não respondeu. Não estava minimamente interessada no que Filipe fazia agora da sua vida.

- Bem... ele entretanto disse-me que podia contar com ele fosse para o que fosse. E assim, quando discuti seriamente com os meus pais, telefonei e perguntei se podia cobrar a ajuda que ele me prometera e ele aceitou! Pagou-me as passagens, e deu-me dinheiro até eu conseguir um trabalho... só que nem tudo correu bem... porque quando cheguei cá ao aeroporto de Lisboa, não o encontrei e assim... não recebi o dinheiro e fiquei neste estado... sem roupas... sem comida...e sem dormir há vários dias!

Alicia nem queria acreditar naquilo que acabara de ouvir, parecia que tudo na sua vida iria dar sempre à minha pessoa, a um ponto de referência, a um marco pertinente – Filipe.

- Então e agora? – perguntou Alicia, com uma voz meio rouca e insegura.
- Agora vim procurar-te e saber se me podias arranjar trabalho, porque perdi o contacto do Filipe e estou...

Nem valia a pena Dean acabar a frase para adivinhar qual o seu estado. Alicia não sabia se lhe havia de por dali para fora, pelo facto de só agora se ter

lembrado dela uma vez que fora muito mais sua miga do que Filipe e estava profundamente magoada em pensar em ficar para segundo plano, ou ainda se havia de lhe perdoar e deixar passar todo o rancor que enchia-lhe o peito, como o homem que estava perante si era uma criatura que precisava de apoio e de uma segunda oportunidade. Tomou uma decisão baseada em tudo aquilo que aprendera ao longo da vida e principalmente do seu curso de médica – nunca virar as costas a quem mais necessita. Decidiu ajudá-lo a ter uma vida digna até aos poucos dias de vida a que lhe restavam.

- Ok! Vou ajudar-te, com uma condição.
- Sim. Aceito qualquer coisa que propuseres – disse ansioso Dean.
- Tens de me prometer que irás fazer de tudo para viver e lutar por ti próprio, e claro... seres meu amigo. Combinado?
- Sim, senhora!

Logo após o almoço, Dean adormeceu tranquilamente.

Alicia foi para o hospital para tentar encontrar Sérgio e explicar-lhe toda aquela situação...

- Então e agora onde é que ele vai ficar? Em tua casa?!- perguntou Sérgio.
- Sim... ele tem que ficar lá por uns dias até arranjar trabalho e poder encontrar uma casa para ter a sua vida, compreendes? – perguntou Alicia num tom de afeição.
- Claro que sim... por ti compreendo tudo... – e deu-lhe um beijo na face.
- Ainda bem! Eu sabia que podia contar contigo, e é só mais um bocadinhos..., já que tivemos de esperar toda a nossa vida, o que é mais um mês ou dois, não é?

Sérgio não respondeu. O seu silêncio foi suficiente para Alicia perceber que concordava com ela, ainda para mais, também não havia mais nenhuma alternativa.

CAPÍTULO XVII

Passaram-se os dias, as semanas e o mês.

Alicia conhecia uma senhora a quem ela ajudara a salvar o filho de uma operação delicada ao joelho, esta trabalhava numa livraria e quando Alicia pediu-lhe se podia dar emprego a uma pessoa de confiança, a senhora aceitou sem hesitar.

Dean ao longo de todo o mês ajudava Alicia na limpeza de casa e a preparar as refeições. Para além do seu emprego também arranjava tempo para procurar uma casa confortável, decente e sobretudo, que fosse de encontro ao que podia pagar.

Alicia estava pouco com Sérgio, apenas se viam no trabalho, como habitual, e somente durante o mês, saíram duas vezes, uma ida ao cinema ver um filme de terror, o qual Alicia não gostara muito e deslocavam-se para jantar em Lisboa num restaurante á beira do mar, no cais.

O Verão aproximava-se a passos largos e Dean finalmente conseguira encontrar a sua casa. Era a cerca de 3km do centro da cidade (da da Alicia também, é claro! e escusado será dizer que Sérgio ficara muito contente ao saber disto!). Era espaçosa, embora por fora não se notasse muito. Era suficiente para uma pessoa morar perfeitamente e além de tudo, não era muito cara.

- Anda lá Alicia! Vá... hoje é o teu dia de folga, não te custa nada eu não jeito nenhum para escolher móveis, nem coisas para a casa e sabes perfeitamente que uma decoração feminina sempre dá outra luz a uma casa.
- Está bem, está bem... eu vou! Deixa-me só avisar o Sérgio, quem sabe ele também pode querer ir connosco e assim ajuda-nos nas mudanças, Ok?
- Óptimo!

Sérgio ainda tinha muito que fazer e combinou com eles encontrarem-se na casa de Alicia cerca das 3 da tarde.

- Olha lá... isto é pesado, Dean... mas o que é que vocês compraram? Os sofás são feitos de quê? Chumbo?

As mudanças foram feitas com o carro do Sérgio e todos estavam a divertir-se imenso ao transportarem móveis, almofadas, livros, malas, e alguns objectos pessoais.

Já se via a lua, que significava o anoitecer.

- Estou exausta! –suspirava Alicia.
- Eu também, mas acho que conseguimos, acho que está tudo, agora vou dormir e amanhã, como é Domingo, arrumo esta tralha toda – planeava Dean.
- Então se não há mais nada a fazer vamos para casa, o que achas Alicia?
- Sim, vamos.

Ambos despediram-se de Dean e propuseram ajudá-lo no que resto das arrumações, mas não foi necessário. Dean não tinha palavras para agradecer Alicia, olhou para ela e perceberam logo, naquele instante, o que significava aquele olhar. Abraçaram-se muito ternamente.

- Obrigado... por existires... e tu (virando-se para Sérgio), trata bem dela ouviste? É a melhor pessoa que já conheci na vida!
- Fica descansado, cuidarei.

Desceram as escadas do prédio e dirigiram-se para o carro.

- Não achas melhor eu deixar-te em minha casa e encomendar no restaurante chinês ao pé de minha casa uma comida gostosa?
- Está bem, mas é só jantar! Lembras-te da última vez que fizemos isso, onde é que foi dar?
- Sei... por isso é que quero fazer de novo... – e sorriu-lhe.

Alicia beijou-o... e o resultado foi que nem sequer chegaram a ir buscar comida...

Depois da atribulação de Dean e tudo mais, durante os tempos seguintes Alicia e Sérgio finalmente tiveram direito aos tempos de namoro que um casal merece ter. Saíam imenso, divertiam-se e de vez em quando combinavam com Dean e o pessoal lá do hospital umas idas à discoteca ou ao cinema.

Chegara o Verão e ambos tentaram conciliar as suas férias para o mês de Agosto. Entretanto Alicia tinha que sair de Lisboa mais cedo para visitar e dar algum apoio ao seu pai que se encontrava na sua casa, no Algarve, pois apesar de na altura em que era casado não saber muito bem desenvencilhar-se na lida

da casa, após a morte da sua mulher aprendera a cuidar daquilo a que lhe dizia respeito. Assim, vivia nos últimos, cerca de cinco, anos naquela casa que sempre fora a sua e de vez em quando ia distrair-se com os amigos, via os seus netos e uma vez ainda fora conhecer a casa de Alicia. Levava uma vida solitária, mas conformara-se com a morte e sabia que uma vez que mais nada podia ser feito, apenas podia viver e, acima de tudo, sobreviver, com bastante alegria.

Continuando, Alicia ia visitar o pai, esperando depois que Sérgio chegasse.

- Vou buscar agora ao aeroporto o Sérgio porque ele preferiu vir de avião até cá, porque com a confusão que se vê nas estradas, é bem mais seguro vir a "voar"! – disse Alicia para o pai.
- Sim, filha! Vai que eu fico aqui a preparar o jantar...
- O que é que estás a fazer? – perguntou deliciada Alicia.
- É a tua comida preferida: gambas com manga! , será que o teu namorado também gosta?
- Uhg!... já venho...vou à casa de banho!

Alicia fora vomitar pois mal ouvira falar na comida, sentiu-se imediatamente mal disposta!

- O que te deu? – perguntou o pai preocupado.
- Não sei! Mas ultimamente não tenho andado muito bem, mas não deve ser nada, eu apenas não estou habituada às férias, é só... – e riu-se tentando disfarçar a indisposição.
- Acho melhor ires ao médico o quanto antes, não é nada normal uma rapariga da tua idade com essas indisposições, alguma coisa se passa...eu sinto!
- Está bem, está bem...eu amanhã vou ao médico e vais ver como é tudo cisma tua! Mas por favor, não comentes nada com o Sérgio, não quero que ele fique preocupado à toa, está bem?
- Fica descansada e vai depressa senão atrasas-te!

À hora de jantar, Alicia fez um enorme esforço para pôr aquela comida pela goela abaixo, para que Sérgio não desconfiasse de nada, pois também ela estava a ficar preocupada com os constantes enjoos, mas não tinha coragem de falar com ninguém, porque como era médica, já tinha feito o seu próprio diagnóstico e já tinha chegado a uma conclusão acerca do seu "caso clínico".

- Está a gostar da comida que preparei? – perguntou entusiasmado o pai de Alicia.
- Sim, é de facto muito boa! Sabe cozinhar muito bem, já vi a quem é que a Alicia saiu! – respondeu Sérgio entre sorrisos...
- Obrigado! Cozinhei este prato especialmente para a noite de hoje, pois como já não via a minha filha à muito tempo, escolhi estas gambas com manga como prato preferido de Alicia. Desde pequena que adora este tipo de cozinha africana. O que achas Alicia? Está saboroso?
- Sim...está muito bom... – mentiu Alicia.
- Então porque é que ainda não tocaste em nada?
- Não tenho muito apetite, é só!

CAPÍTULO XVIII

Depois do jantar, foram dar um passeio a pedido de Sérgio, porque disse que precisava muito de falar com Alicia. Pelo tom de voz deste, Alicia presumiu que se tratava de um assunto muito importante. Não o questionou, limitou-se a concordar.

Aproveitando a situação ocasional, Alicia também lhe disse que descobrira uma coisa que poderia mudar o rumo da vida de ambos.

Este passeio fora definitivo para o seu futuro.

- Quero dizer-te uma coisa! – disse repentinamente Sérgio.
- Quero dizer-te uma coisa! – disse Alicia ao mesmo tempo.
- Tu primeiro!
- Tu primeiro! – Alicia riu-se.
- Está bem, vou começar! – disse Sérgio, como se tivesse acabado de perder uma batalha.
- Tenho uma ideia melhor – sugeriu Alicia – dizemos ao mesmo tempo e depois cada um explica melhor aquilo que disse, combinado?
- Está bem! Estou de acordo. Então quando contar até 3...
- 3...2...1...
- Acho que estou grávida!
- Queres casar comigo?
- Ah?!
- O quê?!

Alicia explicou os seus sintomas, os constantes enjoos, as dores de cabeça, o facto de não ter aparecido a menstruação neste último mês, enfim, tudo o que a levava a concluir a sua gravidez.

Por seu lado, Sérgio dizia que não aguentava mais acordar, sem estar ao seu lado, e uma vez que já se conheciam há tanto tempo não havia necessidade de

não partilharem uma vida em comum, e que depois da recente notícia de que iria ser pai, não havia nada a impedir este grande passo!

Depois de alguns minutos a falarem, e a atropelarem-se com as suas próprias palavras, deram ao mesmo tempo a sua resposta:

- Sim!
- Excelente!

Correram para casa para dar a boa nova ao pai de Alicia, que já estava a adormecer na sala com a televisão acesa. O pai não cabia em si de contente, mal respirava para poder dizer vezes sem conta:

- Parabéns! Muitos parabéns! Oxalá que a tua mãe estivesse aqui para te congratular e para ver vocês os dois. Que sejam ambos muito felizes e que seja um netinho! – as lágrimas transbordavam os seus olhos e só teve tempo de retirar do bolso das calças, o lenço azul que sempre usava, dizia ele que era para dar sorte... , e dera...

Após umas férias em grande, e das despedidas da sua irmã, que dizia que a iria visitar em breve, dos sobrinhos, que deliravam por terem brevemente um bebé com que brincar, do seu cunhado que a apoiava em tudo e de seu pai, que mais uma vez, despediu-se a chorar, embora desta vez fosse diferente, eram lágrimas de felicidade!

Os dias iam passando a passos largos e os preparativos do casamento iam estando todos quase prontos. Só tiveram um pequeno contratempo: arranjar casa.

Alicia e Sérgio venderam as suas casas e foram à procura de uma bem maior, uma em que existissem muitos quartos onde coubessem os filhos que iriam ter, - pois Alicia descobrira que não era um, mas sim dois bebés, um menino e uma menina!

Depois de uma busca exaustiva... encontraram a casa dos seus sonhos... , era simplesmente linda! Ficava perto do centro da cidade, em Coimbra, era ao pé de uma pequena ponte, onde tinha vista para o rio.

O casamento fora no Algarve. Uma cerimónia simples, mesmo ao gosto de Alicia, nada extravagante. Tinha quatro meses de gravidez, e apesar da elegância de Alicia, já se notavam os pequenos gémeos. Foram convidadas poucas pessoas, só as mais chegadas, resumindo, a família e alguns amigos, entre eles Dean, que quando soube da maravilhosa notícia, deu saltos de alegria e prontificou-se a ser o padrinho de casamento, também estavam presentes os

seus colegas de trabalho, do hospital que ofereceram como prenda de casamento, uma viagem durante quinze dias a Itália.

Tudo correra maravilhosamente bem!

~*~

Passaram-se três meses, e segundo o ginecologista, Sérgio (como iriam ser os seus filhos que iriam nascer, fez questão de ser ele próprio a observar Alicia e a tratar de todos os exames médicos), a gravidez estava a decorrer conforme o planeado, sem problemas. Os cuidados com Alicia redobravam-se e Sérgio, muito carinhosamente, não a deixava fazer esforço nenhum, e como estava de baixa, não trabalhando dava com Alicia em louca, não fazendo nada durante o dia!

Chegara o grande dia!

- ‘tou Sérgio?! Onde estás?
- ‘tou no hospital, ‘tás bem?
- Por acaso não! Rebentaram-me as águas, podes vir-me buscar aqui em casa? Por favor...
- Sim...espera...vou já...calma...respira fundo e não te enerves! Não faças nada enquanto eu aí não chegar, ouviste?
- Sim! Mas despacha-te e fica tu calmo, ok?

Sérgio sorriu, estava mais nervoso do que Alicia , porque ela ainda estava no sétimo mês de gestação e era complicado fazer um parto de gémeos prematuros. Encontrava-se preocupado, mas não pensava nisso, guardava-o para si, pensando talvez que poderia dar azar. Não que acreditasse nisso, mas naquela hora só pensava nos próprios filhos e ele iria tê-los nas mãos nas próximas horas. Arrepiara-se!

Sérgio foi buscar Alicia a casa e voltou ao Hospital num instante, andava um pouco acelerado, é bem verdade, mas nada que fizesse ter um acidente ou qualquer coisa do género.

- Preparem a sala de operações, já! – ordenou Sérgio já impaciente e nervoso.
- Sim, Dr. Sérgio. Já está pronta!

- Levem a minha mulher lá para dentro, preparem tudo! Enfermeira – virou-se para a que lhe estava mais próxima – ajude-me a colocar as luvas e a bata, por favor...
- Alicia... estás bem? O que sentes?!
- Sérgio... por favor, ai...faz...a porcaria do parto...já não aguento mais com as dores..., faz isto passar depressa, por mim...por nós...
- Vou já amor, está quase!
- Enfermeira...dê-lhe a anestesia...

A enfermeira colocou-lhe de imediato a injecção no braço.

- Sérgio...não me dês anestesia...eu quero...eu quero sentir...

Alicia não acabou a frase, deixara-se dormir. Era necessário dar-lhe a anestesia porque iria ser uma operação difícil, visto que era cesariana de gémeos, ainda por cima, prematuros.

CAPÍTULO XIX

Tudo correra pelo melhor. Primeiro saíra a rapariga e em seguida o rapaz. Num abrir e fechar de olhos, Alicia e Sérgio estavam com os seus filhos nos braços. Alicia estava cansada, como era de prever, apenas tinha fôlego para sorrir e ainda disse que o rapaz se chamava Afonso, pelo significado de nobre hábil, que uma vez lera num livro, e à sua filha dera o nome de Clara, pelo facto do seu significado querer dizer ilustre, que era como desejava que ela fosse.

Sérgio sorrira e não fizera qualquer comentário sobre os nomes, pois não queria fazer desfeita a Alicia e também porque simpatizava com estes.

Passados alguns dias no hospital, Alicia fora para casa, no entanto, os seus filhos não foram com ela! Visto que eram bebés prematuros, tinham que estar obrigatoriamente na incubadora e só passado um mês é que estariam no conforto do lar.

- São lindos, não são? – disse Alicia enternecida a olhar para Clara e Afonso.
- Sim, são como tu! Têm os teus olhos e a tua pele! Nem acredito que já se passaram dois meses! Parece que ainda foi ontem que fiz o parto a estes dois!
- Estou muito contente, pois apesar de adorar estar aqui em casa e de passear com eles, já estou com muitas saudades do trabalho. Ainda bem que começo amanhã (era Domingo!)!
- E agora com quem é que eles ficam? Temos de resolver o assunto dos turnos para podermos ficar com eles, não quero de forma alguma, que nos primeiros anos de vida eles fiquem entregues a uma ama qualquer, ou num infantário, ou até mesmo com a minha mãe, pois por mais que ela lhes dê amor e atenção, eles precisam é de estar com os pais e não com estranhos! O que achas? Não concordas comigo?!

- Ena! Estás a tornar-te num autêntico pai galinha! Nunca pensei que te tornasses assim! – respondeu Alicia entre sorrisos.

Os dias foram passando, os meses também, e todos pareciam estar no paraíso. Clara e Afonso quase que não davam trabalho nenhum, portavam-se lindamente, Alicia e Sérgio cada dia mais apaixonados, que ainda, de vez em quando, conseguiam algum tempo para eles, quando deixavam as crianças na casa da mãe de Sérgio e assim aproveitavam para sair à noite tranquilamente, o trabalho corria sobre rodas, embora desde que Sérgio fora promovido havia aumentado o trabalho, mais do que o habitual.

Tudo perfeito, não é? Mas para variar, e como já vem sendo de costume ao longo da vida de Alicia, algo chega e quebra de imediato toda a perfeição, o equilíbrio, a plenitude!

Depois da gravidez de Alicia, parecia, e repito, parecia, que tudo estava em ordem. Alicia ainda fizera alguns exames, rastreios, ecografias para ver se o seu útero estava normal, e segundo estes, indicavam que sim.

Havia finalmente passado um ano de casamento e Alicia e Sérgio iam sair para festejar esta data. Sérgio pediu a sua mãe para poder ficar com as crianças, e embora reticente - uma vez que os gémeos agora davam muito mais trabalho, pois haviam começado a andar há poucos dias e queriam jogar a mão e derrubar tudo o que lhes aparecesse à frente - aceitou.

Alicia demorara-se um pouco a vestir mas valeu bem a pena para o tempo que Sérgio esperou, ela estava linda!

Foram jantar a um restaurante no centro da cidade, Sérgio já havia feito a reserva de uma mesa na rua com vista para o rio, donde, talvez, conseguissem avistar a sua casa. Alicia estava feliz e de repente começou a sorrir:

- O que foi? Lembraste-te de alguma coisa? – disse intrigado Sérgio.
- Sim...de repente veio-me à memória a primeira vez que saímos para vir a um restaurante, o ano passado, quando te vi no Hospital, lembras-te?!
- Claro!...Como poderia esquecer? Aquele almoço não correu nada bem, o telefonema...
- Mas não vamos falar disso! Afinal de contas fazemos hoje um ano de casados, não é? E acho que tem estado a correr tudo muito bem, não concordas?
- Sim...até que não é difícil viver contigo... – respondeu atrevido e entre sorrisos, Sérgio.

O empregado chegara para anotar os pedidos de cada um e cerca de vinte minutos depois, voltara com a comida que deitava um aroma delicioso, cheio de especiarias e de molhos muito picantes, mesmo feitos para a ocasião.

A meio da sobremesa, Alicia fora a correr para a casa de banho, deixando Sérgio preocupado. Já na casa de banho, Alicia chorava:

- O que se passa comigo? Como é que isto foi acontecer?! Não posso...não...tenho de dizer...vou dizer ao Sérgio...

Quando chegara à mesa:

- O que aconteceu? Saíste daqui tão apressada...está tudo bem contigo?
- Podes fazer-me um favor?
- Sim, diz...
- Pede a conta, tenho de ir depressa para casa...ou para o Hospital, nem sei...
- O que foi? Estás a assustar-me...
- Por favor...eu vou andando para o carro, ok? Fico lá à tua espera...
- Empregado...por favor, a conta! – acenou Sérgio, indicando a pressa que tinha.

No carro, Alicia não disse uma única palavra, mas Sérgio também fez questão de não insistir, achou que quando ela quisesse falar, ele estaria ali à sua disposição. Chegaram a casa.

- Estou cheia de dores agudas no abdómen e tenho hemorragias, e nem sequer está na altura da minha menstruação. Alguma coisa se passa...eu sinto! Ajuda-me...
- Ok! Vamos imediatamente para o Hospital! Vamos tratar dos exames...
- Desculpa estragar-te a noite, eu não queria...

CAPÍTULO XX

Já no Hospital, Sérgio andava como um louco de um lado para o outro. A última vez que alguém o tinha visto assim, fora no parto dos gémeos. Falava com todos os seus colegas e sabia que nos exames que Alicia havia feito há alguns meses atrás, o diagnóstico era normal, simplesmente não encontrava respostas para as inúmeras perguntas que andavam a mil à hora dentro da sua cabeça.

Até que um colega seu, o Dr. Daniel Saraiva, disse que suspeitava de uma doença só que não queria afirmar nada sem antes fazer os exactos exames.

- Diz Daniel, o que achas? Já tens algum diagnóstico feito? Não me escondas nada...eu nem consigo pensar neste momento...
- Pessoalmente penso que deverias descansar e estar ao lado dela, e deixares nós a tomar conta da situação. O que te parece?
- Ok...então diz lá a tua teoria...
- Então é assim: pelas dores abdominais, pelas hemorragias, e ao observá-la, constatei que existe uma dilatação do abdómen com sensação de líquido no seu interior, juntamente com massa abdominal palpável, o que são indícios de...
- ...cancro do ovário...
- sim...tenho muita pena...mas sabes que como não existem meios para fazer um rastreio prévio para este tipo de tumor, neste caso existe uma intervenção num estádio um pouco já mais avançado. Mas não te preocupes, vai correr tudo bem...há tratamentos e através de cirurgias, daqui a um ano já está tudo numa boa!
- Ok! Eu tenho de ser forte! Afinal de contas, já me passaram pelas mãos vários casos de cancro do ovário e só uma senhora é que faleceu...vai correr tudo bem...só tenho de lhe dar a notícia...

Com pouca coragem e com muita vontade e força para vencer esta batalha, Sérgio deixou que os seus pés deslizassem até ao quarto onde Alicia repousava, muito carinhosamente, acordou-a e deu-lhe a notícia. Por mais estranho que possa parecer, Alicia não chorou, não gritou, pelo contrário, sorriu, deu a mão a Sérgio e disse:

- Por tudo aquilo que passei ao longo de minha vida, acho que já sofri tudo o que tinha para sofrer e se o destino é que eu tenha mais um desgosto, eu não lhe vou dar esse prazer! Vou lutar até ao fim! Como fiz nas outras vezes! Só que desta vez é diferente! Tenho-te a meu lado, para me ajudares e contigo suporto qualquer coisa...

Mais aliviado pela atitude demostrada pela sua mulher, Sérgio fez exactamente o que o Dr. Daniel lhe havia recomendado. Afastara-se permanentemente do caso clínico da mulher e só participava como marido e não como médico. Uma atitude muito louvável, é certo!

Fora feita uma primeira cirurgia seguida da quimioterapia que era vital para uma recuperação total do ovário. Era óbvio que já não podia vir a ter filhos, mas Alicia também não se preocupara muito, porque dois já lhe davam dor de cabeça, e se fizesse mesmo questão de ter uma terceira criança, poderia optar pela adopção, que era uma ideia que a perseguia desde pequena e que era bastante agradável.

A quimioterapia era um pouco dolorosa, mas essencial, era feita, uma hora por dia, todos os dias da semana, e só foi interrompida para ser realizada uma segunda cirurgia, que era necessária para avaliar a eficácia terapêutica, que pelo sinal, era bastante alta.

Alicia pouco fazia para além do tratamento, o que lhe valia era a distracção que tinha com os gémeos que estavam grandes e lindos, pois faltavam já três meses para completarem os dois anos de idade.

Um dia, numa das suas visitas a seu pai e irmã, no Algarve, Alicia decidira ir ao cemitério fazer uma visita a sua mãe, falar com ela.

- Olá mãe! Bem sei que não me ouves, nem me vês, mas de qualquer forma, sabe-me bem estar aqui a falar contigo, como antigamente. Não sei se sabes das notícias, mas para além de teres dois netos lindos e maravilhosos, eu já me recuperei, já estou bem melhor! Sabes...tive uma doença há um tempo atrás...não... não foi gripe, que dera que fosse! Foi aquela doença que te levou para aí...sim...cancro...mas descansa...já estou

bem melhor...quase totalmente curada! Depois de duas cirurgias, acho que conseguiram matar todas as células más que existiam dentro de mim! E se não fosse com a ajuda de todos que me amam, especialmente de Sérgio...oh mãe! O Sérgio foi um anjo que apareceu na minha vida... ele é tudo para mim...se ele não existisse ou se, porém, acontecesse alguma coisa com ele, nem sei o que seria de mim...pois depois de partires para junto de Deus (porque eu não sei se Ele existe!), eu fiquei muito sozinha, mas hoje sou feliz...sim...muito feliz...amo os meus filhos e o meu marido...faço aquilo que gosto e tive sorte em não ir ter contigo! Não que eu não quisesse estar junto de ti, mas pesando as duas opções prefiro aguentar por cá por mais uns tempos, não achas, tenho o resto da minha vida, isto é, a minha morte para estar contigo, não pensas da mesma maneira?

Alicia sabia que não havia resposta possível para aquele discurso, no entanto, aliviara-se... e levantara-se (estava ajoelhada a "falar" com a mãe).

De repente, como que por magia, todas as velas do cemitério acenderam-se, e Alicia percebeu de imediato o sinal que a mãe lhe dera, era como que a benção para continuar o seu percurso na vida ao lado de todos que a querem bem. Toda a sua vida estava repleta de sinais e agora mais um veio por termo a mais uma etapa turbulenta de sua vida e ao inicio de outra nova e cheia de magia.

A sua vida fora e será para sempre mágica!